



Nacional

Política de A a Z

PALAVRAS CLARAS

Palavras claras foram as de Francisco Marcelo Curto ao semanário «Opção». Manifestando a sua confiança em Mário Soares (que «normalmente, não se engana»); opinando pelo seu conhecimento, pessoal, que Aires Rodrigues, Carmelinda Pereira, José Luís Mendes e José Luís Gaspar não irão repetir «qualquer tentativa parecida com a de Manuel Serra»; defendendo a existência das «comissões de trabalho» e das «seções de empresa», mas integradas nas «estruturas do partido»; Marcelo Curto explicou a sua intervenção no Congresso do PS e sobre o problema que mais impressionou a opinião pública, a recusa de Lopes Cardoso de o seu nome figurar em qualquer das listas para a «Comissão Nacional do PS», disse: «Aderi a uma linha de acalmia, evitando a dramatização do Congresso. Foi essa a minha maior preocupação, como também foi a dos camaradas que estão mais dentro dos problemas do partido e eu falo nomeadamente de Lopes Cardoso». Dentro dessa orientação, não querendo favorecer a «dramatização» dos problemas, Marcelo Curto declarou: «Pessoalmente — e não sou eu só que assim penso no Secretariado — a posição de Lopes Cardoso, foi a única coerente e correcta. É uma posição que, de alguma maneira não se presta a especulações. Desejo sublinhá-lo e dizer que vem na linha dum homem que, dentro do partido, tem efectivamente uma coerência e clareza de atitudes de que nem todos os dirigentes se podem gabar.»

A «clarificação» que, em vez de procurar uma «síntese» entre tendências para reforço do PS e da luta pela Democracia e pelo Socialismo, procure demarcar uma «maioria» e uma «minoria», abrindo, pela lógica de arranjos improvisados, a porta aos sociais-democratas isolados no anterior Congresso (o primeiro realizado legalmente e em Portugal), não entusiasma Marcelo Curto. Consequentemente, ele explica o que, no fundo, terá determinado a atitude de Lopes Cardoso: «Pretendeu recusar aquilo que pode ser chamado de democracia interna do partido, mas que, no momento político actual, é, na verdade, uma atitude política inconveniente e que não serve efectivamente a democracia nem o avanço para o socialismo no País.»

As claras palavras de Francisco Marcelo Curto, secretário nacional do PS (que tem sido), ministro do Trabalho (que é), militante cuja adesão ao Partido Socialista se verificou nos anos em que se corria algum risco, merecem ser meditadas. Deverão ser tidas em conta.

UMA OPÇÃO DEMOCRÁTICA

Nas declarações em que, numa entrevista breve concedida ao semanário «Opção», Marcelo Curto comentou a situação actual do Partido Socialista. Veio a propósito uma referência à «opção» de Lopes Cardoso. Para Marcelo Curto: «Lopes Cardoso é um homem com uma opção democrática de esquerda e que pensa que tem que ser o PS o principal responsável pela construção duma sociedade socialista democrática.»

Também este passo das breves, mas claras e importantes declarações de Marcelo Curto, merece alguma atenção. Um socialista não poderá ter outra «opção», e não só no «partido», como no «Governo». Parece-nos que é justamente «uma opção democrática de esquerda» que se pede ao «Governo Socialista», hoje a nível ministerial politicamente homogêneo, pelo menos na sua composição civil. Terá sido uma «opção democrática de esquerda» que o Congresso do PS recomendou ao ministro José Medeiros Ferreira, aprovando e aplaudindo uma moção que prescreve o corte de relações com a sangrenta ditadura chilena. Terá sido «uma opção democrática de esquerda» — e não apenas um momento de sentimentalismo e de justiça — que ergueu o Congresso do PS numa manifestação calorosa contra o Tarrafal e os Tarrafais (plural que Vasco da Gama Fernandes repetiu emocionado). E é, igualmente, como «uma opção democrática de esquerda», que deverá ser considerado o combate de Manuel Alegre contra a Imprensa e a propaganda fascistas que levantam cabeça e descem à rua.

Não se poderá falar de «Socialismo» sem simultaneamente, paralelamente, falarmos de «uma opção democrática de esquerda». E não se diga — ó iluminadas inteligências! — que a noção de «esquerda» é extremamente vaga. Em oposição à «direita» conservadora e à «direita» reaccionária, surge claríssima, luminosa, exacta, no Portugal de Abril uma «posição de esquerda». Aqui e agora, é de «esquerda» o português que defende a Constituição e o projecto de avanço social nela inscrito.

UM PROBLEMA SUBJACENTE

O problema tem nome. Chama-se: Reforma Agrária. No «Muro das lamentações» de uma burguesia agrária egoísta e de uma aristocracia, falsamente rural, hoje sem esperanças que não sejam subversivas, a Reforma Agrária é pretexto e tema. Não faltou a contestá-la um Pequito Rebelo, o mesmíssimo doutrinar do Integralismo Lusitano que empunhou a espada de pau contra a perspectiva de uma Reforma Agrária nos últimos anos da Primeira República. Do PPM à CAP, e da CAP ao PPM, passando pelo CDS e pelo PPD-PSD, a lamúria, o protesto, o cruzadismo contra a Reforma Agrária são uma reacção que se compreende, que politicamente deverá ser analisada, mas com a qual não é possível pactuar. A Reforma Agrária é uma das condições de fundo para a transformação da sociedade portuguesa. E é uma questão de Justiça Social.

Aos contestatários da Reforma Agrária juntaram-se políticos mal inspirados (e mal informados), alguns mascarados servidores do capitalismo antigo e moderno. Mal avisado andar quem se detenha a escutar as sereias da reacção feudal agrária. Há conquistas irreversíveis? De algum modo, sim. Aqueles que viveram escravos da terra e que hoje livremente a trabalham, não estarão dispostos a consentir o «regresso» e a «desforra» dos exploradores do seu trabalho, da sua vida, da sua terra.

A Revolução de Outubro foi comemorada este fim-de-semana em diversos pontos do País, nomeadamente em Lisboa, Porto, Setúbal Beja e Gaia.

Em Lisboa, no sábado, decorreu uma recepção na Embaixada da União Soviética à qual estiveram presentes numerosos membros do Governo e do Conselho da Revolução, além de uma delegação do P.C.P. chefiada por Álvaro Cunhal. Dos membros do Governo salientou-se a presença de Mário Soares, enrique de Barros, Medeiros Ferreira, Sotto Mayor Cardia e Firmino Miguel, enquanto do Conselho da Revolução se assinala a dos conselheiros Souto Cruz, Martins Guerreiro, Almeida Costa, Vítor Crespo, Ribeiro Cardoso e Vítor Alves. Presente ainda Salgado Zenha, do P.S., e Hugo dos Santos, comandante da R.M. do Centro.

Recorda-se que, ainda em Lisboa, a Associação Portugal-URSS promovera, na sexta-feira, uma sessão comemorativa, que contou com a presença do embaixador soviético e de numerosas individualidades nacionais.

No Porto, as comemorações constaram de uma festa promovida pelo P.C.P. no Pavilhão do Académico, sendo da iniciativa do mesmo Partido as comemorações em Setúbal, Beja e Gaia.

«Esta data foi sempre comemorada em Portugal das mais variadas formas, porque os comunistas portugueses e muitos trabalhadores progressistas, que compreenderam a importância histórica do 7 de Novembro como força libertadora que abriu novos caminhos à humanidade, tudo fizeram para impor ao fascismo essas comemorações reprimidas» — recordou, no Porto, José Araújo da DORN do P.C.P.

MENSAGEM DO P.C.P.

Por ocasião da passagem do 59.º aniversário da Grande Re-

Revolução de Outubro comemorada em Portugal

volução Socialista de Outubro, o Comité Central do P.C.P. enviou ao Comité Central do P.C.U.S. e, por seu intermédio, a todo o povo soviético, uma saudação em que assinala que «a Revolução de Outubro, ao criar na Rússia o primeiro Estado operário e camponês, abriu na história da humanidade uma nova época, a época da libertação da exploração capitalista e do jugo imperialista, da passagem ao socialismo».

E a mensagem acrescenta: «Pela terceira vez vos saudamos por ocasião do 7 de Novembro, depois do glorioso levantamento militar e popular de 25 de Abril de 1974.

«Desde essa data, num processo irregular e contraditório, a Revolução portuguesa alcançou grandes e históricas vitórias de alcance nacional e internacional: o derrubamento do fascismo, a liquidação do colonialismo, o fim do capitalismo monopolista de Estado e a construção de um regime democrático aliando as mais amplas liberdades e profundas transformações económicas e sociais, nomeadamente as nacionalizações, a Reforma Agrária e o controlo operário, na perspectiva do socialismo.

«Estas vitórias foram alcançadas fundamentalmente pela luta do povo trabalhador português, agora tenazmente empenhado na defesa e consolidação das mesmas contra as manobras de recuperação capitalista, contra a conspiração reaccionária e as pressões e ingerências do imperialismo.

«O nosso Partido, os comunistas portugueses têm tido um papel decisivo na acção do movimento operário e popular, de que são parte integrante. Têm participado, no momento actual, em milhares de reuniões, acções e lutas de massas em todo o País. Preparam activamente, a poucos dias do seu início, o seu VIII Congresso, o maior da história do P.C.P. Encaram, o nosso Partido e os comunistas portugueses, a nova e complexa conjun-

tura nacional com grande determinação e confiança na unidade dos trabalhadores, dos democratas, do povo e das forças armadas.

«Consideramos, queridos camaradas, que hoje como no passado o reforço dos laços de amizade, de cooperação e solidariedade recíproca entre os nossos dois partidos e os

nossos dois povos, e o desenvolvimento das relações entre o Estado português e o Estado soviético, na base da igualdade, não ingerência e reciprocidade, correspondem não só ao interesse nacional de Portugal, como são uma condição externa e factor favoráveis à consolidação da democracia no nosso País e da Paz na Europa e no Mundo.»

Comerciantes do Norte do Mondego fundam Associação

PORTO, 8 — Em reunião efectuada numa estalagem da zona do Porto, no último sábado, em que estiveram presentes 32 das 48 Associações de Comerciantes existentes a Norte do Mondego, foi aprovada a criação de uma Associação de Comerciantes que engloba os elementos do ramo acima referido. A nova União significa, na prática, uma autonomia da organização patronal dos comerciantes em relação à Confederação do Comércio Português. Elementos da mesa, nomeadamente comerciantes de Matosinhos e Gaia, salientaram a necessidade de os pequenos comerciantes do ramo se organizarem, como sucede com os Sindicatos, para poderem lutar com as mesmas armas e opor-se à força organizada dos trabalhadores. Afirmou-se, assim, a necessidade da criação de uma «frente energética» capaz de vencer «a chantagem dos Sindicatos» no que se refere a contratações colectivas.

De salientar, todavia, que durante a reunião surgiu uma forte corrente contrária aos «grandes comerciantes» que, segundo palavras usadas por um pequeno comerciante, «faziam o jogo dos Sindicatos, convencidos de que esmagariam os pequenos comercian-

tes». As contradições reais existentes no sector, onde muitos milhares de pequenos comerciantes atravessam dificuldades, ficou assim bem patente face aos interesses dos comerciantes poderosos cuja posição foi objecto de alusões e contestação por parte dos primeiros. Por outro lado foi ainda considerado que a criação de uma União, nas condições em que era proposta, constituía um enfraquecimento e um divisionismo no seio da classe. Citou-se, «como exemplo», a divisão no seio sindical entre os aderentes à «Carta Aberta» e os integrantes da Intersindical. A Associação do Porto defendia inclusivamente a criação de Uniãoes Distritais, proposta que foi largamente recusada.

Foi finalmente eleita uma comissão de sete membros para iniciar o avanço da nova União patronal do sector comercial. Ficou constituída pelas Associações de Aveiro, Gouveia, Guimarães, Matosinhos, Póvoa de Varzim, Viana do Castelo e Vila Real. De notar que Aveiro e Viana se tinham absterido na votação, juntamente com Coimbra (o Porto votou contra), mas aceitaram integrar aquela comissão com a condição de futura aprovação pelas respectivas «bases».

SEGUNDO ALMEIDA SANTOS Reforma dos Códigos pronta em Junho de 1977

A primeira fase da Reforma dos Códigos Portugueses estará pronta em Junho do próximo ano — anunciou em entrevista concedida a um matutino, o ministro da Justiça, Almeida Santos.

Este prazo está consignado na Constituição, mas como se trata de um trabalho em profundidade, não poderá estar acabado com perfeição técnica em Junho do ano que vem».

A primeira fase — disse ainda o ministro — será pois de adaptação acelerada dos textos à nova Constituição e depois trabalhar-se-á na melhor técnica dos diplomas».

Entre as modificações a introduzir, Almeida Santos apontou o desaparecimento das desigualdades entre filhos legítimos e ilegítimos, e alterações no direito das sucessões e no conceito da propriedade.

Galvão de Figueiredo desde ontem em Lisboa

Em visita enquadrada no plano de contactos mensais com o Governo Central chegou ontem a Lisboa o general Galvão de Figueiredo, ministro da República para os Açores.

Interrogado a chegada pelos jornalistas sobre a situação no arquipélago, Galvão de Figueiredo considerou-a «calma» em-

bora a aproximação das eleições para as autarquias possa reacender a luta partidária.

Entretanto é esperado amanhã o dr. Mota Amaral, chefe do governo regional, que será recebido pelo presidente da República e pelo Primeiro-Ministro, devendo ainda avisar-se com vários ministros.

MACAU

Assembleia confirmou Garcia Leandro

Não haverá consulta à população para confirmar Garcia Leandro como governador de Macau, decidiu por 11 votos contra cinco a Assembleia Legislativa local.

A questão da discussão sobre a necessidade dessa consulta, prevista no Estatuto Orgânico de Macau, foi levantada por um deputado da ADIM (Associação dos Interesses de Macau).

Durante os debates os deputados eleitos por sufrágio indirecto, representantes dos inte-

resses económicos da comunidade chinesa, e os deputados designados pelo governador votaram contra o requerimento apresentado pelo deputado da ADIM, por considerarem que não se tratava de uma nomeação mas da continuação de um mandato.

Foi reafirmada a validade do artigo que prevê a consulta à população a quando da nomeação dos governadores, mas definido que aquela disposição não se aplica no caso do actual governador.

Armistício foi há 58 anos

A passagem de mais um aniversário — o 58.º — do armistício da I Guerra Mundial vai ser assinalada no próximo dia 11, com algumas cerimónias comemorativas em diversos pontos do País, designadamente em Lisboa.

Em Lisboa, anuncia-se uma missa mandada celebrar por um grupo de combatentes portugueses que participaram no conflito como expedicionários. A missa é na Igreja de S. José ao Largo da Anunciada pelo

meio-dia. Haverá ainda uma cerimónia junto do monumento aos mortos da I Grande Guerra.

Esta simples cerimónia — que consiste na deposição de coroas de flores — repete-se em Coimbra, no Porto e na generalidade dos locais do País onde haja monumentos alusivos à participação de tropas portuguesas no conflito de 14-18, havendo nas cidades, forças militares prestando guarda de honra.

post-scriptum

O regresso dos «competentes»

Com o rumo que as coisas estão a tomar, não se percebe o que está o senhor Caetano no Brasil. Será mais reaccionário do que a CAP? Mais antidemocrata do que a maioria da nossa imprensa? Saneou mais gente do que o senhor Cardia? Temos ideia de que seria avisado deixarem-no voltar. Não só se reforçaria o «pluralismo democrático» (o partido do senhor Caetano haveria de imprimir, por certo, um estilo novo e dinâmico à nossa vida política), como até (quem sabe?), já que tanto se fala em «competência», o senhor Caetano ainda pudesse vir a ocupar um lugar no Governo ou na Administração.

Com a vinda do senhor Caetano, o grupo dos «competentes» sairia reforçado.

T.S.P. — RIO MAIOR

Ninguém é profeta na sua terra

No MEIC, e noutros sítios selectos, afastam-se as pessoas por razões de competência. Um dos «incompetentes» saneados acaba de ser contratado pela UNESCO, para chefiar importante sector internacional relacionado com o ensino básico e a animação cultural em países do Terceiro Mundo. Outros «incompetentes», segundo consta, teriam sido contratados para trabalhar em alguns novos países africanos de expressão portuguesa.

Pergunta-se: têm assim tanto medo de que o povo se eduque? De que o povo se prepare para tomar o seu destino nas suas próprias mãos?

O problema da instrução e do ensino é capital. Por isso, tantos se empenham em manter as populações, sobretudo as rurais, num estado bruto de analfabetismo e obscurantismo. É que se o povo abrisse os olhos e aprendesse, não valiam um real as habilidades e a demagogia de certos senhores...

João Miguel — GOUVEIA

MFA na clandestinidade

Com um sentimento de nojo invencível, vi no último número daquela vergonha, chamada «Rua», um título em que se perguntava com «indignação» se o MFA ia ressurgir. Era esta a «resposta» que os fascistas davam ao discurso do major Melo Antunes. Pergunto — se é que ainda vale a pena perguntar — pergunto aos governantes deste país, a todos os que viveram a jornada gloriosa do 25 de Abril se continuam a tolerar (e por quanto tempo ainda) que alguém ouse encurralar o MFA na clandestinidade? Que estranhas cumplicidades haverá neste reino apodrecido para que no conceito de democracia caiba o insulto àqueles que tornaram a democracia possível?

Maria de Jesus Miranda
— BIRRE-CASCAIS

Transportes

Tive o azar de viajar da Beira Alta para Lisboa no dia 2 de Novembro, segundo dia do aumento de 25 por cento nos transportes colectivos, essa medida peregrina de fazer pagar a crise aos que não são latifundiários, nem grandes empresários, nem patrões sabotadores, nem abandonadores de empresas, nem viajantes para o Brasil, agora em torna viagem, que o vento vai de feição... até ver.

O comboio vinha super-hiper-lotado, primeira incluída (e para que servirá ela, a primeira?). Num compartimento de seis, vinha uma senhora de idade, uma mãe com dois rapazinhos, um senhor muito entretido a ler e este cidadão que se entretém a escrever. O corredor vinha à cunha. Eis que a certa altura um corpulento e robusto cavalheiro abre a porta do compartimento, olha tudo bem olhado e desata a barafustar:

«Paguei o meu bilhete, não vou estar sujeito a ir em pé até Lisboa. E aqui há lugares ocupados por quem paga menos do que eu.»

A insinuação ficou no ar. O robusto cavalheiro continuava a sermonar sua justiça, até que a mãe perdeu a paciência e, muito corada, respondeu:

«Quer-se referir com certeza aos meus filhos, que pagaram meio bilhete. Se quiser sentar-se no lugar de algum deles tem que perguntar se ele está de acordo. Se ele concordar, não sou eu que me oponho.»

As crianças olhavam para o sujeito corpulento com seus grandes olhos abertos e nada disseram da justiça delas. Ficaram-se assim, a olhar, até que o cavalheiro, embuchado, desandou.

Manuel Duarte
— LISBOA

FOLHETIM ARTISTICO

José-Augusto França

PORTUGAL EM PARIS

... Não só os quadros que se expõem mas o que deles se diga, é importante. Para quem o ouve ou lê, e para quem o diz ou escreve. Assim, agora, em Paris, onde finalmente se mandou uma exposição que desde 1935 estava prometida e nunca se fez, ou pôde fazer — sequer, ou ainda menos, o ano passado, num mau passo dado pela jovem República que vamos tendo e se entregou, então, a frequências de má nota. Já não sei que abusivo «juiz do gosto» impediu uma exposição seriamente desejada no museu municipal de Paris — sítio, disse não me lembro que imbecil provisoriamente agalado, fora de mão, onde não ia ninguém. Há muitos anos que por lá encontro muita gente, e muita gente esteve a ver a exposição portuguesa, em Outubro passado.

Portuguesa, como? Um artigo de um grande quotidiano francês que me chegou às mãos nos diz, sobretudo, como não. Assina-o um bom crítico no quadro jornalístico, um dos melhores, pela seriedade e acerto dos juízos, com quem muitas vezes me deu gosto conversar. E assim conversaria agora, perante as suas observações, ou o seu espanto.

O caso é que o crítico em questão foi a exposição portuguesa à procura de algo que ele supunha que lá devia estar — e naturalmente não estava. Com esta naturalidade mesma com que outra coisa, afinal, se encontrava no sítio...

«Ver a pintura que acompanhou a subida da febre portuguesa nestes últimos anos» era o propósito do crítico — e tal pintura, ou tal febre, «a procurou (ele) em vão entre as obras dos trinta e cinco artistas na sua maior parte da nova geração». Ora o crítico estava convencido, ou alguém disso o convenceria, de que «a recente mudança de regime estimulava a criação pictural e, durante um momento, mesmo a revolucionou». Por isso nos descreve o que julga ter acontecido: «Subitamente os artistas saíram dos seus «ateliers»; encontraram-se na rua, em «brigadas de pintores» percorrendo as cidades, pintando nos muros as imagens que as pessoas podiam ver fazerem-se diante dos olhos, imagens murais, discursos veementes e militantes». Explicando muito a sério que, «nos países latinos, de temperamento expressivo, fogoso, acontece que os grandes revolvimentos sociais se tornam também em telas, como foi o caso das pinturas-discursos do muralismo mexicano revolucionário, de Siqueiros e Orozco».

Com o mito persistente do muralismo mexicano muito menos revolucionário do que a Europa ingênua e em carência épica o viu, vem o mito da fogueira latina — que, tida e havida, ou não, não deu realmente para pinturas aos nossos compatriotas... Latinos, é claro, fizemos outras coisas, no tempo da «revolução» — ou não fizemos nada, como muitas vezes acontece. Mas até fizemos

pintura propriamente dita, certos de que estávamos, assim, pelo labor, demonstrando a qualidade da época vivida, em locais de trabalho que são, por exemplo, os «ateliers» de pintores... E tirando o psicodrama de Belém em 10 de Junho de 74, acertado em quarenta e oito rectângulos para quarenta e oito pintores nem todos bons, o que pela rua se fez foi obra de amadores sem nada para dizer que de outro modo não o pudessem ter mais economicamente feito; ou foi cumprimento de encargos propagandísticos de partido (s) — e não contribuíam, uns ou outros, para qualquer entendimento da situação vivida. A não ser para estrangeiro ver, ou supor. Assim o crítico em questão que, «por este lado, (viu) a exposição (como) uma decepção»...

Mas outro lado dela ele ainda pensou procurar: as marcas do «desenvolvimento económico» — que foi, curiosamente, o do período caetanista. E nisso, acha o crítico que «o Portugal artístico de hoje não apresenta características particulares», metido, como está, num «estilo internacional». Daí o limitar-se a destacar «temperamentos» felizmente encontrados entre os trinta e cinco artistas presentes.

Pretendia o crítico ver uma arte feita ao sabor das parangonas dos jornais europeus que noticiaram as peripécias de uma revolução incerta; perigoso gosto esse, que dá a arte como simples reflexo de uma

realidade política, ou outra. E reflexo, ainda, das Vacas aparentemente gordas de há cinco ou quatro anos atrás... É certo que algumas vacas pertenceram alguns espíritos, como alguns comícios — mas a profunda realidade da criação artística, aceitando ou repudiando uns e outros, seguiu os caminhos que lhes são próprios; quando se dá o caso de ter caminho próprio.

Isso aconteceu em muitos dos pintores presentes em Paris, e por isso a exposição, sendo significativa, tem o maior interesse cultural. Tal como não havia livros na gaveta nem quadros no sótão no dia 25 de Abril (uma exposição nesse sentido teve um gosto lamentável de oportunismo por de mais visível), assim também os artistas continuaram a ser o que eram, quando eram alguma coisa.

Pessoalmente, esforcei-me, no pequeno prefácio do catálogo, por dar a entender que Portugal pertence naturalmente a uma comunidade cultural que tem os seus parâmetros históricos, e que, naturalmente, melhor ou pior, originalmente ou não, fazem o que fazem os seus artistas — sem exotismo algum, folclórico ou revolucionário. Que os franceses do «comment peut-on être Persan?» procurem sempre, e de mais... O resto, será um ar de família, romântico, no caso, como me parece, por muitos e variados lados, bons e maus. O crítico em questão insiste na nota «surreal». Porque não, feitas as contas?...

“PROCESSO DE MISSIONÁRIO JÁ EM CURSO?”

Quando para o futuro da Nação Portuguesa se apresenta uma situação económica que significa a passagem das nossas reservas, de um número equivalente a cerca de uma vez e meia o total das importações para um défice crónico superior a um quarto dessas importações (isto admitindo que os nossos emigrantes continuem a enviar-nos o produto do seu trabalho, que representa, por sua vez, outro quarto) parece urgente fazer-se uma profunda reflexão sobre as consequências da gravidade destes números.

Desprezando as opiniões críticas mais isentas, os responsáveis colocaram-nos na situação daqueles fidalgotes incapazes, que recebendo uma herança a dizimam rapidamente e passam a viver à custa dos credores, interessados em explorar os seus vícios.

Está assim conseguido o objectivo dos prifissionais da política, desta ou daquela «internacional» e uns tantos «pontas-de-lança» civis ou militares, para quem os interesses do País são secundários relativamente aos seus próprios.

Este esvaziamento tem, porém, um preço. As reservas que existiam não foram dadas de nenhum benfeitor ou resultado da generosidade dos que comandavam o regime. Foram o resultado da exploração das classes trabalhadoras, da contenção pela repressão dos seus direitos e aspirações, da injustiça de uma repartição de

signal do rendimento nacional. Foram ainda o resultado da exploração colonial dos negros de pele escura e dos «negros» de pele branca, aos quais foi negada a possibilidade de serem cidadãos de corpo inteiro na sua terra. Do obscurantismo e atraso cultural impostos para narcotizar a população. Do que se disse, resulta evidente que este desgaste tem de ser claramente compreendido e aceite por aqueles que pagaram a criação dessas reservas. Será compreendido, se foi o custo para atingir algo mais importante para a comunidade. Mas, será incompreendido e ficará a constituir mais um período negro da nossa história, se apenas serviu a satisfação de alguns interesses pessoais ou de grupos. No passado, para algumas pessoas mais interessadas em antever uma saída para o período que se seguiria ao derrube do regime salazarista, considerava-se que uma enorme tarefa se viria a pôr à geração mais nova. Isto porque o regime caquético isolou no comando, os seus agentes caquéticos, que não abdicavam dos privilégios a favor dos mais novos. A «geração do reumático» não abrangia apenas os generais. Em todos os sectores da vida nacional existia um fosso entre velhos e novos.

Com o 25 de Abril, caiu nos ombros da geração dos 25 aos 45 anos, a responsabilidade de iniciar transformações profundas nos vários sectores da sociedade, de modo a eliminar-se o adormecimento de meio

século e a construir-se um novo estilo, mais autêntico, nas relações entre as pessoas.

Caracterizando-se o espírito jovem, entre outras coisas, pela abertura à experiência e a pressa na realização de objectivos, foi possível fazer importantes avanços na procura de novas práticas sociais. Como também é característico da juventude, cometeram-se erros e excessos, que seriam naturalmente corrigidos no amadurecimento que se seguiria.

Mas esta lufada de ar fresco foi curta. No sector militar vieram ao de cima os interesses profissionais e o desejo de bater em retirada de um papel que há quem prefira deixar a outros, como se em política houvesse profissionais especialmente treinados para «a fazer». Compreender-se-á que comportando todos os regimes políticos as suas forças armadas, às quais garantem o soldo, os seus profissionais não vejam razão para se preocupar com a maneira como é obtido o dinheiro para lhes pagar. Mas, neste caso, como tinham sido os militares a ter de «segurar» o Poder devido ao processo como mudaram os detentores anteriores, houve necessidade de criar um sistema institucional, o qual será relativamente ambíguo se não for acompanhado de mudanças políticas equivalentes, no lado civil. Isto é, ou houve na sociedade portuguesa uma revolução-mudança de classe e ideologia dominantes e com ela a razão para uma situação

VITOR BENTO

excepcional ao nível do órgão militar máximo, nas pessoas e gerações com poder de comando, ou houve apenas uma mudança dos detentores do Poder e são de prever dúvidas quanto ao porquê destes ou aqueles serem os dirigentes, onde acaba e começa a legitimidade. O que também dependerá do processo utilizado para a impor.

Parece evidente que ao deixar-se penas ao sector civil a definição das linhas políticas, está talvez a correr-se o risco de demissão do carácter revolucionário das mudanças introduzidas na sociedade portuguesa após o 25 de Abril e a aceitar-se a existência de ambiguidades. Como também aceitar-se a prisão de Otelio — escolhido pelos seus pares como símbolo do gesto revolucionário — na base de um RDM que remonta ao século passado, é aceitar os privilégios de excepção revolucionária para uns e as «teias de aranha» para todos (já a sua justificação por razões políticas se compreendia, havendo quem a possa achar correcta ou não, de acordo com o espírito com que se encara este período da história da sociedade portuguesa). E no lado civil? Há dois grandes campos a considerar nos grupos políticos civis. Os que julgam ter havido e continuar a haver condições

PUB

C. N. O. C. COMISSÃO NACIONAL ORGANIZADORA DO CONGRESSO CARTAZ DO CONGRESSO CONCURSO

A C.N.O.C. INFORMA TODOS OS TRABALHADORES QUE ESTÁ ABERTO CONCURSO PARA O CARTAZ DO «CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PORTUGUESES» A REALIZAR NOS DIAS 27,28, 29 E 30 DE JANEIRO DE 1977.

AS MAQUETAS DEVERÃO SER ENVIADAS À C.N.O.C. — RUA VICTOR CORDON, 1-2.º ANDAR, ATÉ AO DIA 20 DO CORRENTE MÊS.

NA ELABORAÇÃO DOS PROJECTOS DE CARTAZ, DEVER-SE-Á LEVAR EM CONTA OS SEGUINTE ASPECTOS:

- O CARTAZ DEVERÁ TER O TAMANHO HABITUAL DOS CARTAZES DESTE TIPO.
- NELE DEVERÃO CONSTAR AS SEGUINTE FRASES: «CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PORTUGUESES» «PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES» «PELA REESTRUTURAÇÃO DA INTERSINDICAL NACIONAL-CONFEDERAÇÃO GERAL DOS SINDICATOS PORTUGUESES».

ISBOA, 8-11-976.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

Rua do Conde Redondo, n.º 80, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º — LISBOA

CONVOCATÓRIA N.º 96

CONVOCATÓRIA

Reunião Geral de Delegados Sindicais na 3.ª feira dia 9 de Novembro de 1976 pelas 14 horas e 30 minutos, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico à Alameda Afonso Henriques em Lisboa.

A ordem de trabalhos é a seguinte:

- 1 — Análise da situação do C.C.T. Único e Vertical do Sector Textil.
- 2 — Análise aos despedimentos dos Dirigentes Manuel Correia Lopes e António Cunha das Rosas.
- 3 — Outros assuntos.

NÃO FALTES A TUA COMPARÊNCIA É IMPORTANTE!

Lisboa, 5 de Novembro de 1976

SAUDAÇÕES SINDICAIS
A DIRECÇÃO



SURDEZ

Recupere a sua audição com os modernos e garantidos aparelhos auditivos MYKROSON. Um modelo para cada caso de surdez. Consulte-nos sem compromisso.

MICROSON — Organização especializada em prótese auditiva.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º Esq.

PORTO: Praça da Batalha, 3-4 — FARO: Rua Ivens, 24-26

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS EDITAL

Concurso público para arrematação da empreitada de construção do edifício para posto policial, delegação de freguesia e centro cívico, na Damaia.

Preço base:
1 297 402\$00

Caução provisória:
32 435\$00

Alvará exigido — Obras públicas, 1.ª categoria ou 1.ª subcategoria da 1.ª categoria, ou de industriais da construção civil, categoria única de construção civil.

Local, dia e hora limite para entrega das propostas — Divisão de Obras Municipais, até às 11 horas da primeira segunda-feira, que se seguir ao termo do prazo de vinte dias, a contar do primeiro dia após a publicação do presente edital no «Diário da República».

Local, dia e hora do acto público do concurso — Sala de sessões da Câmara no dia e hora acima referidos.

Local e horário para exame do processo — Divisão de Obras Municipais dos Serviços de Urbanização e Obras da Câmara, durante as horas de expediente.

Paços do Concelho de Oeiras, 3 de Novembro de 1976.

O Presidente da Comissão Democrática Administrativa — Por Orlando Bernardino Gonçalves.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral dos
Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, é na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Maia em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/58351, arquivado 11 023, para o estabelecimento na freguesia de Gondim, concelho da Maia, de uma linha aérea a 15 kV, com 500 metros, do apoio n.º 3 da linha para o posto de transformação de Gondim-Calquim ao posto de transformação de Gondim-Porto Bom, da Câmara Municipal da Maia.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 22 de Outubro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Nacional

"Processo demissionário já em curso?"

Continuação da pág. 3

para uma situação revolucionária (mudança de ideologia dominante) portanto em linha com a prática e o compromisso anterior dos militares e os outros, que se interessaram pelo esquema parlamentar, o qual não tem nada que ver com um processo revolucionário, mas antes pretende prolongar a Portugal o estilo de convivência e conciliação de interesses diferentes, que existe na Europa Ocidental, em países onde, contudo, o fascismo foi completamente destruído na II Guerra. Estas forças políticas usaram no seu interesse a passagem pelos vários governos, não tomando as medidas que o sistema e a situação económica nacional e internacional impunham, particularmente nesse «desastre»

chamado VI Governo. O resultado a que nos levaram é, como se vê, a dependência do nosso País dos centros de decisão estrangeiros, que não abdicarão de nos impor (não é só calor «fraterno» nos congressos partidários) os regimes e sistemas que achem mais apropriados aos seus interesses. Quem leu, desde o 25 de Abril, os extractos da imprensa estrangeira, mais representativa das opiniões desses centros e viu como foi ridicularizada a intervenção dos militares na vida política e como defendem cegamente os sistemas parlamentares (que estão por todo o lado em crise de inoperância) pode prever o que nos espera. Os americanos apoiando um esquema onde esteja também representado o «lumpen-marcelismo» dito «social-democrata». Os alemães acompanhando certamente os

americanos. A direita europeia sem dificuldade em aceitar a recuperação dos «marcelistas» e dos seus apoios fascistas. Só que este esquema, que parece agradar a todos os protagonistas, militares e civis, não vai aguentar-se muito tempo, pois adiar não é resolver e o «buraco» ainda será maior, dentro de um ano, enquanto que a situação da economia internacional não oferece saídas.

Por um lado, o «pluralismo» vai continuando a permitir que todos os «prejudicados» com o 25 de Abril continuem a agitar-se para repor os privilégios perdidos. É vê-los, diariamente, nos seus jornais, nos seus livros, nas suas reuniões, nas suas bombas (o que é lógico já que «revolução com pluralismo» é mais uma originalidade portuguesa. Por outro lado, a população que foi atraída pelo negócio eleitoral, quando tiver de fazer sacrifícios que não compreende, vai reagir não tanto pela violência, pois que também há «RDM» para os civis) mas acolhendo talvez o primeiro «salvador» que também venha prometer as coisas por que todos esperavam e vêm fugir-lhes. Por que não, se as que estão no poder chegaram lá prometendo o que não cumprem? Assim se voltará ao regime de onde talvez nunca se tenha chegado a sair. Enganados serão os trabalhadores do Alentejo e das fábricas, que tomaram como boa a oportunidade que lhes foi oferecida e fizeram eles próprios a primeira parte da Revolução. Com eles os mais desprotegidos, que depositaram no 25 de Abril as esperanças de uma justiça que tardava. Tírdos pela demissão de uma geração cuja divisa poderá ser «nunca tantos falaram tanto e realizaram tão pouco»?

Os Congressos dos partidos comprovam-no. É como se esta sociedade tivesse sido sempre democrática; como se não houvesse problemas enormes a enfrentar; como se a recuperação fascista não fosse a ameaça que espreita a oportunidade e que só beneficia com o radicalismo.

C. P. — Caminhos de Ferro Portugueses AVISO CONCURSO

Até às 17 horas do dia 11 de Novembro de 1976 estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração da cantina da estação de Fratel.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 3000\$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da C. P. a quantia de 500\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

- Fratel
- Castelo Branco
- Abrantes
- Entroncamento
- Serviço Comercial da Região Centro LISBOA (SANTA APOLÓNIA)
- Serviço Comercial de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar LISBOA-2

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, estação de Santa Apolónia, 1.º andar, Lisboa-2, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração da cantina da estação de Fratel».

Lisboa, 25 de Outubro de 1976

SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, 6, 3.º-D. — LISBOA-1
TELEFONES 4 17 51 / 53 55 47

AVISO

Informam-se todos os sócios deste Sindicato que os locais e horários de votação para a eleição da Direcção, a realizar no dia 19 de Novembro de 1976, são apresentados no quadro que segue.

LOCAL	HORARIO	MORADAS
BEJA	9 — 21 h	Hospital Distrital (Portaria)
EVORA	9 — 21 h	União dos Sindicatos Rua Aleáçovas de Cima, 1-1.º Dt.º
FARO	9 — 21 h	Delegação do Sindicato de Aeronavegação e Pescas Rua de Alportel, 2-A, 1.º
PORTALEGRE	9 — 21 h	Delegação Sindical do Hospital Distrital
SANTARÉM	9 — 21 h	Hospital Distrital
SETÚBAL	9 — 21 h	Hospital Distrital — Sala de Conferências
LISBOA	9 — 24 h	Sede — Praça Marquês de Pombal, 6-3.º

Os sócios devem votar nos Distritos e mesas de voto de acordo com a residência que consta no Sindicato.

Apela-se para uma grande participação.

O Sindicato só vencerá com o trabalho de todos os seus sócios.

O PRESIDENTE DA MESA ELEITORAL
Rogério Pernes

Nacional

ALVARO CUNHAL EM BELÉM

"Não há motivo para estarmos alarmados"

«Uma troca de opiniões sobre vários problemas da situação actual e respectivas soluções» porque «há de facto problemas com que todos nos preocupamos» foi o motivo apontado aos jornalistas pelo secretário-geral do P. C. P., Alvaro Cunhal, para a sua audiência com o Presidente da República, no sábado.

Alvaro Cunhal apontou a situação económica e financeira, questões relativas à Reforma Agrária como alguns desses problemas, no entanto frisou que não havia motivos «para estarmos alarmados e para pensar que a nossa democracia não segue por diante».

Interrogado depois sobre o pedido de demissão do eng. Lopes Cardoso e posterior substituição pelo dr. António Barreto, o dr. Alvaro Cunhal sublinhou que o P. C. P. não fez nenhum comunicado oficial mas «naturalmente que um Ministério tão sensível como é aquele que tem a seu cargo a condução das questões agrícolas, é um Ministério observado com muita atenção pelo meu Partido. A substituição do eng. Lopes Cardoso deixa, sem dúvida, perplexidade e interrogações».

Ainda sobre este assunto Alvaro Cunhal salientou: «Mas a Reforma Agrária não pode perigar pois põe em risco a Reforma Agrária é pôr em risco a nossa democracia. Portanto, a Reforma Agrária há-de realizar-se. É certo que poderá haver ajustamentos, mas ela terá de prosseguir dentro das grandes linhas que foi caracterizada, dentro de uma política democrática, qualquer que seja o Governo e independentemente das soluções conjunturais».

O secretário-geral do P. C. P. desmentiu frontalmente as especulações veiculadas nos últimos dias pelos meios reacçãoários ligados aos grandes agrários segundo os quais o P. C. P. estaria a querer reconduzir um processo como o que se operou em fins de 1974 e em 1975, afirmando: «Não se passa nada disso. A nossa posição é a de que esses 700 000 hectares devem ser entregues aos trabalhadores, mas não através de ocupações, pois estamos numa nova fase da Reforma Agrária. A nosso ver, independentemente, rectificações e remodelações que haja nesse domínio, o importante é que a Reforma Agrária tem de ser realizada».

Referindo-se ao próximo Congresso do P. C. P. e dando resposta às pessoas que dele esperam surpresas, Alvaro Cunhal lembrou que o VII Congresso tinha decorrido num quadro muito diferente deste, pois nessa altura as estruturas capitalistas estavam intactas e havia ainda grupos capitalistas «no seu sítio, ainda que atingidos por todo o processo revolucionário que estavam em curso desde 25 de Abril. No entanto hoje há um grande sector nacionalizado, um grande sector com intervenção do Estado, a existência de 800 cooperativas, a gestão e controlo por parte dos trabalhadores, a Reforma Agrária que não existia em 1974».

Afirmou depois que haverá certamente algumas surpresas no sentido de novas formulações, novas teses, ou seja, de uma nova contribuição que o P. C. P. pretende dar resolver os problemas nacionais».

O dr. Alvaro Cunhal desmen-

tiu qualquer coligação prevista com o P. P. D. / P. S. D., que «continua a ser considerado pelo P. C. P. como um partido reacçãoário, o que não significa que todos os seus membros o sejam» e disse que neste momento a alternativa que poderia pôr-se no plano das instituições para uma possível substituição do Governo socialista, seria um Governo com a participação comunista mas «não quer dizer que esta hipótese esteja à vista, nem que seja fácil, mas pensamos que é a composição política que melhor corresponde à situação nacional».

Agrinova apoia camponeses da Beira

«Estamos ligados ao campo pela nossa actividade e pelas nossas preocupações. Alguns de nós são técnicos agrícolas, outros economistas, outros empregados, outros estão ligados a cooperativas... Enfim, das mais diversas profissões. Estamos, porém, ligados num mesmo objectivo: o apoio aos agricultores do Norte e Beiras». Assim se autodefine a Agrinova, uma organização que surgiu recentemente tendo como objectivo apoiar os pequenos e médios agricultores, os rendeiros, os trabalhadores agrícolas e as suas organizações democráticas. Em que se traduz esse apoio? Segundo o manifesto, divulgado pela Agrinova, o apoio «poderá ser técnico (agrícola, jurídico, organização de contabilidade etc.), financeiro e a outros níveis nomeadamente na promoção sócio-cultural». O docu-

mento afirma que a intenção da Agrinova não é de maneira nenhuma apresentar-se como uma organização «que tem fórmulas feitas para a solução do problema da lavoura» pois a solução dos «imensos e graves problemas da lavoura depende em muito dos próprios agricultores e também da política governamental. No entanto numa passagem do texto, destaca-se a recusa «de

qualquer ingerência estranha na organização dos agricultores». Salienta-se ainda o facto de já começarem a despontar e a crescer focos de organização dos pequenos e médios agricultores no Baixo Mondego e nas Beiras (Litoral, Alta e Baixa) o que representa um passo para a libertação do campesinato que trabalha o campo em condições de vida perfeitamente injustas.

NOVA SOVENDO
AGENTE CITROËN 
Av. Infante Santo, 15 A/C - Telf.: 607117 - Lisboa
AGENTE CITROËN 

deite contas à sua casa



NOTA OFICIOSA

S.E.C.S.
crítica "Diário"

A Secretaria de Estado da Comunicação Social tornou pública a seguinte nota oficiosa:

1. Sob o título «Alerta», Trabalhadores da Reforma Agrária, o jornal «O Diário» publica um editorial onde se fazem afirmações que, além de conterem uma clara intenção alarmista, constituem, também, uma grosseira e deliberada deturpação da verdade.

2. Referindo-se às declarações do secretário de Estado da Comunicação Social, a propósito da demissão do engenheiro Lopes Cardoso, o editorialista escreve: «O senhor Manuel Alegre, secretário de Estado da Comunicação Social... não diz uma palavra sobre a expropriação de meio milhão de hectares, ainda nas mãos dos grandes agrários. Em contrapartida, fala em distribuir a terra aqueles que a trabalham. Mas não fica por aí. Esse é o princípio acrescido... que norteia o PS em relação ao problema da Reforma Agrária».

3. Que o editorialista de «O Diário» reaja deste modo ao princípio «A terra a quem a trabalha» é facto que só a ele diz respeito. Que atribua à reafirmação do secretário de Estado da Comunicação Social fez desse princípio o sentido contrário ao que ele tem, chegando ao ponto de dizer que se trata de uma provocação e de uma tentativa de liquidação da Reforma Agrária, eis o que não pode deixar de ser considerado como evidente prova de má fé. Mas que tenha escrito que o secretário de Estado da Comunicação Social «Não diz uma palavra sobre a expropriação de meio milhão de hectares», quando aquele membro do Governo, em declarações prestadas ao «Diário de Notícias», expressamente afirmou que «as expropriações previstas serão efectuadas» eis o que constitui já uma deliberada e intencional deturpação da verdade e uma manifestação de infâmia à Lei de Imprensa.

4. Mais grave ainda é o facto de o editorialista de «O Diário» afirmar que «membros do Governo que são dirigentes do PS se exprimem como um Casqueiro qualquer», entrando

assim no insulto puro e simples.

5. Finalmente, ao caracterizar como «ameaças do senhor secretário de Estado da Comunicação Social» as declarações por este prestadas ao «Diário de Notícias», e nas quais claramente se afirma a decisão de prosseguir a Reforma Agrária, o editorial do jornal «O Diário», cuja responsabilidade não pode deixar de ser imputada ao respectivo director, revela hábitos provavelmente contrários ao serviço da extinta Agência Geral do Ultramar e do SNI.

6. O jornal «O Diário», que tem como lema «A Verdade a que o Povo tem direito», não tem o direito de falar assim à verdade.

7. É o vício em que fatalmente incorre quem se pretende único detentor da verdade. Vício este que, no caso em questão, se liga a um outro: o da pretensão à propriedade exclusiva da Reforma Agrária. Como se uma reforma ou uma revolução pudessem ser objecto de apropriação privada. Nem «O Diário», é proprietário da verdade, nem a Reforma Agrária é propriedade de quem quer que seja.

8. Seria desejável que as forças interessadas na continuação da Reforma Agrária fossem capazes de encontrar os caminhos do diálogo. Mas quem, como o faz «O Diário», compara membros do Governo a dirigentes da C.A.P., não está interessado no diálogo nem na continuação da Reforma Agrária. Está interessado em confundir e insultar para manter certas situações de facto — não a Reforma Agrária que a Constituição consagra.

9. De acordo com a decisão do último plenário do Conselho de Ministros, que unanimemente ratificou a política agrária definida no Programa do Governo, a Reforma Agrária prosseguirá, no respeito pela lei e pelos princípios democráticos consagrados na Constituição. E prosseguirá — por muito que isso pese ao plumitivo de «O Diário» — de acordo com o princípio: «A terra a quem a trabalha».

Através dum plano de empréstimos para aquisição de CASA PRÓPRIA, poderá, com algumas pequenas economias e uma suave prestação mensal, passar a viver numa casa MESMO SUA

Rendimento anual médio p/ pessoa do agregado familiar contos	Prazo do empréstimo anos	Taxa de juro bonificada pelo Estado	Porcentagem máxima do empréstimo em função de avaliação	Mensalidade por cada 100 000\$00 do empréstimo
Menos de 40 contos	25	4%	95%	524\$00
De 40 a 60 contos	23	5%	91%	604\$00
De 60 a 80 contos	21	6%	87%	690\$00
De 80 a 100 contos	19	7%	83%	782\$00
De 100 a 120 contos	17	8%	79%	882\$00
Mais de 120 contos	15	9%	75%	993\$00

Valor por M² não superior a 6.000\$00
Valor total não superior a 1.000 contos
Empréstimos até 900 contos



MONTEPIO GERAL

Lisboa: Rua do Ouro 219 a 241 · Rua Manuel Jesus Coelho, 1-B
Rua Ferreira Borges, 97 · Porto: Avenida dos Aliados, nº 90

AGÊNCIAS: AVEIRO · BRAGA · BRAGANÇA · C. BRANCO · COIMBRA · EVORA · FARO · FUNCHAL · MOSCAVIDE · SETÚBAL · VISEU

Nacional

M.U.T.I. debate autarquias

O M.U.T.I. (Movimento Unitário de Trabalhadores Intelectuais) prossegue esta noite, no Teatro Vasco Santana, às 21 e 30, a sua actividade pública, debatendo desta vez o problema das eleições para as autarquias locais. Intervirão o eng.º Silva público. A entrada, como sempre, é pública.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL COMUNICADO N.º 101

MANUEL LOPES E ANTÓNIO ROSAS A LUTA CONTINUA!

Manuel Lopes e António Rosas, respectivamente Presidente da Direcção e Presidente da Mesa da Assembleia Geral do nosso Sindicato, foram, como já é do conhecimento público, vítimas da repressão patronal com ameaças de despedimento.

Sobre este facto a Direcção do Sindicato dos Trabalhadores dos Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul, considera oportunas as seguintes considerações:

1.º — O que está por detrás do despedimento de Manuel Lopes e António Rosas não é uma «birra» de um patrão. É uma manobra feita pelos patrões organizados, visando um duro ataque ao Movimento Sindical; uma forte amedrontação dos trabalhadores e consequente recuo com a perda de todas as suas conquistas. Tenta-se assim «quebrar a espinha» aos trabalhadores.

2.º — O dr. Alberto Bento desempenha nesta questão, o papel do chefe máximo a quem todos (inclusive entidade patronal) devem obediência. Porquê e a que propósito esta cega obediência? Evidentemente que por detrás do dr. Alberto Bento se levantam forças mais altas do que o patrão da Manuel Lopes Henriques.

3.º — O Ministério do Trabalho continua com a sua política de cedências à direita e ao patronato o que, evidentemente, trará para os trabalhadores portugueses consequências desastrosas de que já sentimos alguns efeitos.

Foi explicado ao Ministério que a resolução do caso da Manuel Lopes Henriques poderia arrastar a resolução dos casos da Têxtil Manuel Gonçalves, da Maconde, da Coronado e de tantas outras empresas, das quais o Ministério afirma que a correlação de forças não é favorável aos trabalhadores e que por isso os seus direitos não podem ser aplicados nem garantidos pelo Governo.

Ora, o nosso caso é bem outro, uma vez que os trabalhadores da Manuel Lopes Henriques estão unidos à volta do Correia Lopes e do António Rosas e não se sentem dispostos a permitir casos semelhantes aos que acima citámos. Assim, aqui o Ministério será apoiado pelos trabalhadores se tomar as decisões correctas, como a Lei determina.

Com base nestes considerandos, os delegados sindicais do Sindicato dos Trabalhadores dos Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul, aprovaram em Reunião Geral na sede do seu Sindicato, no dia 5 de Novembro, a seguinte proposta de luta:

PROPOSTA:
1.º — Duas horas de paralização na 2.ª e 3.ª feira, dias 8 e 9 de Novembro (em cada turno), com plenários para esclarecimento da situação.

NOTA: Estas paralizações não abrangem (como acontecia com as anteriores), as empresas em auto-gestão, cooperativas e com intervenção do Estado.

(Aprovado por maioria com três abstenções).
2.º — De local a determinar partirá uma manifestação, com início às 18 horas, com destino ao Ministério do Trabalho, na próxima 4.ª feira, dia 10 de Novembro, com a finalidade de exigir a solução do caso do Manuel Lopes e do António Rosas, caso este assunto ainda não esteja resolvido.

(Aprovado por maioria com dois votos contra e duas abstenções).

Lisboa, 5 de Novembro de 1976

PELA DIRECÇÃO

FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO

AOS TRABALHADORES DOS SECTORES DE:
ARMAZENISTAS E IMPORTADORES DE MATERIAIS
DE CONSTRUÇÃO, AÇOS, TUBOS, METAIS, FERRAGENS,
FERRAMENTAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS

CONVOCATÓRIA

Mais uma vez os patrões faltaram ao início das negociações.

Assim, mobiliza-te para estares presente nos próximos plenários, com o fim de toda a classe tomar posição face às manobras dilatórias do patronato.

Lisboa — dia 8 (2.ª feira) 20 horas nas instalações do Sindicato do Comércio, Av. da República, 31.

Porto — dia 9 (3.ª feira) 21.30 horas no salão do INATEL (Batalha — por cima do «Águia d'Ouro»).

Leiria — dia 9 (3.ª feira) 21.30 horas na Delegação das Caldas da Rainha.

COMPARECE! PARTICIPA!

SÓ UNIDOS CONSEGUIREMOS O NOSSO 1.º C. C. T.

Grupo Dinamizador e de Apoio à Comissão Negociadora

Comissão Negociadora Sindical

Federação Nacional dos Sindicatos dos Trabalhadores Comércio

Federação Regional dos Sind. Emp. de Escritório do Sul

Federação Regional do Norte dos Sind. dos Emp. Escritório

Federação Nacional dos Metalúrgicos

Federação dos Sindicatos dos Rodoviários

Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Dist. do Porto

Sindicato dos Trabalhadores Técnicos de Vendas

Sindicato dos Trabalhadores de Armazém do Norte

Sindicato da Construção Civil de Lisboa

F.E.P.U. ACTIVA NO FIM-DE-SEMANA

“Resultado das eleições pesará no processo revolucionário”

— afirmou-se em Beja

Alguns comícios, plenários e confraternizações relacionados com a actividade da Frente Eleitoral «Povo Unido» (F.E.P.U.) decorreram este fim-de-semana em diversos pontos do País. Todas estas realizações se caracterizam por algumas linhas comuns: análise da situação portuguesa sob o peso da herança do fascismo, definição da fase actual do processo revolucionário português, perspectiva da presença da F.E.P.U. nas eleições para as autarquias locais.

«Que fique bem claro para as forças reacçãoárias, que fique bem claro para todos aqueles que apostam na liquidação do processo revolucionário, que mais de dois anos de Revolução não passaram em vão sobre o nosso povo. Existem hoje ainda forças suficientes em todos aqueles que aspiram a ver varrida para sempre do nosso país a exploração do homem pelo homem para se oporem a essa política» — afirmou-se em Coimbra num comício da F.E.P.U. que na sexta-feira à noite reuniu alguns milhares de pessoas e que serviu para apresentação de candidatos à Assembleia e Câmara Municipal.

Em Beja, no sábado à noite, afirmou-se, entretanto, que «o resultado das eleições para as autarquias locais pesará consideravelmente no processo revolucionário» ao mesmo tempo que eram fornecidos dados reveladores sobre a situação que prevalece em diversos pontos do território nacional, como herança de um passado recente, e sobre alterações já produzidas, como re-

sultado da acção popular. Foi especialmente focado, como exemplo do primeiro caso, a situação no maior concelho de Portugal, o de Odemira, onde o completo domínio dos latifundiários antes do início da Reforma Agrária conduziu a problemas gravíssimos: setenta por cento de analfabetismo entre a população total; carencias alimentares, com dezoito por cento da população sem nunca ter comido carne; sessenta e sete por cento sem assistência médica, com quinze por cento sofrendo de tuberculose e doze por cento de crianças com atrasos mentais.

O comício de Coimbra contou com a presença de José Manuel Tengarrinha (MDP/CDE) e de Carlos Luís Figueira (PCP), além dos independentes eng. Júlio Couceiro, dr. Ivo Cortesão e Carlos Dias. No plenário da F.E.P.U. em Beja estiveram presentes elementos da Comissão Nacional da Frente, como Helena Cidade Moura e Luís de Sá, além dos candidatos às câmaras de Aljustrel, Beja e Odemira.

De outras iniciativas da F.E.P.U. este fim-de-semana destaca-se ainda um comício em Santa Iria de Azoia e de uma confraternização em Carrenque, concelho de Sintra.

MDP EM BRAGA

Em Braga, o M.D.P./C.D.E. promoveu um comício para análise do seu trabalho nas autarquias. Presidiu o antigo governador civil de Braga, dr. Raul de Castro, da Comissão Nacional do M.D.P. Participa-

ram militantes daquele partido que têm ou tiveram responsabilidades nos órgãos de administração do distrito e que focaram as suas experiências.

O ponto da actividade do M.D.P. com vista às próximas eleições e as perspectivas que as mesmas abrem foram abordados pelo dr. Santos Simões, enquanto os drs. Martins da Costa, que esteve na Comissão Administrativa de Vila Verde, e José Augusto da Silva, que esteve à frente da de Guimarães, relataram as respectivas experiências. O trabalhador José de Oliveira falou da importância de gestões democráticas nas autarquias, como apoio às estruturas populares, e Fernando Mendes abordou problemas de Saúde. O comício foi encerrado com intervenções dos drs. Raul de Castro, que exigiu o prosseguimento das investigações até completo desmantelamento da rede bombista, e José Sampaio, que apontou o socialismo como única alternativa para os problemas portugueses.

Homenagem na Amadora a Herculano de Carvalho

Herculano de Carvalho, resistente antifascista, militante do PCP, deste 1972, vítima de um acidente ocorrido em 10 de Janeiro último, foi ontem homenageado pelo povo da Amadora, onde residia, que deu o seu nome a uma rua da Reboleira Norte/Centro.

A homenagem, promovida pela Comissão de Moradores e pela Câmara Municipal de Oeiras, teve a presença dos seus familiares e de centenas de companheiros de Herculano de Carvalho, cuja actividade a favor da dinamização do movimento popular de base e da defesa das populações necessitadas foi posta em destaque por Georgette Ferreira, membro do Comité Central do PCP e por Abel Pinheiro, que falou em nome da Comissão de Moradores.

No final efectuou-se uma homenagem de saudade ao cemitério da Amadora onde Herculano de Carvalho se encontra sepultado.

PUB

SINDICATO DOS ENGEHEIROS TÉCNICOS DO SUL CONVOCATÓRIA

De acordo com as deliberações da Assembleia Geral Ordinária de 30 de Março passado, e do anúncio publicado em jornais do dia 30 de Abril seguinte, convoca-se a Assembleia Geral para continuação dos trabalhos da referida Assembleia Geral, para o dia 11 de Novembro de 1976, quinta-feira, pelas 21.00 horas, no ISEL, Rua Um, n.º 3, Chelas, Olivais Sul.

A Ordem de Trabalhos é unicamente a continuação da discussão do Relatório e Contas relativos ao ano de 1975.

Se, na hora marcada, não estiver presente a maioria dos sócios, os trabalhos terão início meia hora depois, com qualquer número de presenças.

Informa-se que, de acordo com as deliberações tomadas, estará patente na sede do Sindicato o Relatório e Contas, estando presente um técnico contabilista, das 18.00 às 19.00 horas do dia 3 ao dia 11 de Novembro, para prestar as informações pedidas.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Antero A. Palma Antunes

Que Azeite!
Que zeitinho!
Azeitissimo

Copaz,
o Azeite.

DE ANGOLA, VIA BRASIL

Quarenta e seis dias de traineira

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO (Donoso correspondente) — Sete traineiras de matrícula angolana, na sua grande maioria tripuladas por algarvios, chegaram há poucos dias a este porto depois de uma odisséia de dez meses durante a qual os tripulantes e os seus familiares estiveram, muitas vezes, em risco de perder as suas vidas.

Os barcos, a «Samaritana», a «Senhora da Graça», a «Rita Maria», a «Lenita», a «Dea II», a «Lubango» e a «Vega» saíram de Porto Alexandre no dia 10 de Janeiro deste ano com destino a Walbis Bay onde chegaram dois dias mais tarde e onde encontraram outras traineiras portuguesas tripuladas por algarvios.

Durante três meses, as traineiras permaneceram em Walbis Bay aguardando o desenrolar dos acontecimentos em Angola até que, em Março, resolveram fazer rumo ao Brasil, embora alguns dos tripulantes se manifestassem contrários à ideia.

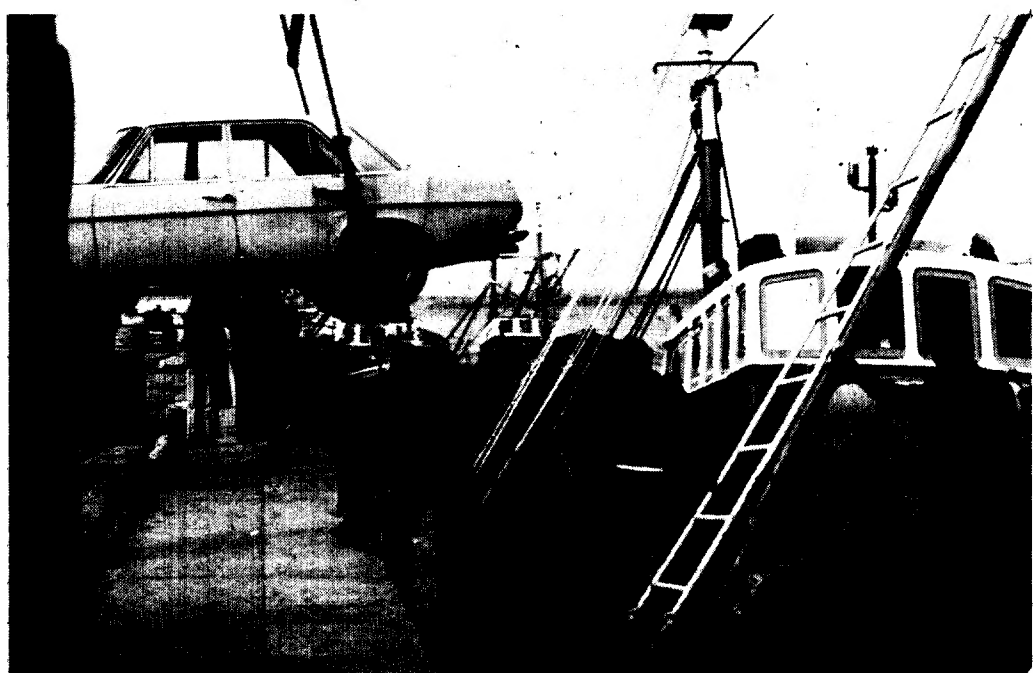
A viagem para o Brasil durou 18 dias, tendo a «frota» pesqueira ancorado no Rio de Janeiro onde as tripulações sofreram novas privações.

Manuel Ferreira, maquinista do «Rita Maria», descreveu-nos desta forma a sua aventura: «Eu e minha mulher fomos o último casal de brancos a sair de Porto Alexandre. Tendo estado 48 horas debaixo de fogo de falcões da U. N. I. T. A. e da F. N. L. A., resolvemos que chegara o momento de salvar as nossas vidas, já que outra coisa não podíamos salvar. Na ida para a África do Sul e durante a nossa permanência em Walbis Bay, não tivemos problemas mas, no Brasil, não nos faltaram...»

Ludovina Ferreira, mulher de Manuel Ferreira, relatou-nos a aventura do casal ao chegar ao Rio: «Tivemos de estar nove dias ao largo, de quarentena,

sem pinga de água para nos lavarmos, só com umas gotas para matarmos a sede. Três dias depois da nossa chegada, fomos visitados por um médico veterinário chamado Ciro, que levou com ele as nossas galinhas, um suíno com cerca de cem quilos que tínhamos trazido de África e dez cães, dos quais três de raça, dizendo que tudo nos seria devolvido após uns dias de observação. Se não lhe tivéssemos dito que não tínhamos outros alimentos, até os enlatados teriam tido o mesmo destino. Assim que recebemos ordens para atracar em Niterói, iniciei diligências para recuperar os animais mas depois de mil voltas acabei por ser informada, no Ministério do Trabalho, de que eles tinham sido abatidos. Fui a um advogado, mas não me valeu de nada porque o veterinário não nos tinha passado recibo ou entregue qualquer documento comprovativo do que se passara. Na opinião do advogado, «os animais já tinham sido comidos ou vendidos por bom preço». Feita esta queixa, o marido retoma a palavra para continuar o relato da viagem: «Depois de cinco meses de tentativas infrutíferas para nos fixarmos no Brasil, resolvemos voltar a Portugal. Tivemos de preparar a viagem à pressa por constar que, em breve, seríamos impedidos de o fazer. Simos de Niterói no dia 24 de Dezembro, rumo a Las Palmas, onde nos abandonou, após vinte dias de viagem, o comandante de longo curso que tínhamos contratado para a travessia do Atlântico. Em Las Palmas, tanto o nosso barco como o «Dea II» e a «Vega» foram assaltados durante a noite por ladrões que roubaram máquinas de escrever, cabos, roupas e géneros alimentícios. Desejosos de navegar em águas portuguesas, contratámos um comandante de marinha português para nos trazer

de Las Palmas a Olhão e, de facto, ainda ouvimos os postos de rádio de terra do Algarve e os radiotelefonos dos barcos portugueses que andavam na faina, junto à costa, mas o homem enganou-se e acabou por nos levar para o norte da Figueira da Foz. No mar das Berlengas tivemos de lutar contra um temporal violentíssimo e só depois de seis dias de viagem — mais três do que os previstos — é que chegámos ao nosso destino. Duas traineiras aportaram a Sesimbra e cinco a Lisboa, de onde a nossa fez rumo ao Algarve.»



O «Mercedes» conseguiu sobreviver à odisséia marítima dos pescadores que atravessaram duas vezes o Atlântico para chegarem ao Algarve

Ensine o seu filho a poupar e a aumentar o dinheirinho dele.

Ele ainda é uma criança. Mas você quer que ele aprenda já a administrar os "tostões" que os avós, os padrinhos, os tios... e você mesmo, lhe dão. Deseja que ele adquira a noção de quando pode e não pode gastar dinheiro. E, sobretudo, que crie hábitos de poupança.

Isso depende de si. É para o pai que ele olha. Você é o "herói" que, acima de todos, ele admira. E que sonha emitir um dia. Você, é exemplo para ele. Ajude-o pois. Ensine-o a saber construir o futuro. O dele e o do País.

Aconselhe-o a defender o "mealheiro". Mostre-lhe como. Diga-lhe o que é a desvalorização. Explique-lhe o mecanismo dos juros. Faça contas com ele. Discuta as vantagens. E, depois, vá com ele comprar Obrigações do Tesouro.

Dia-a-dia, serenamente, faça do seu filho um cidadão responsável. Interessado. Participante na construção do futuro.



Ele fica a ganhar. É tempo de comprar Obrigações do Tesouro.



OBRIGAÇÕES DO TESOURO 1976

até 14 de Novembro

CARREIRAS PARA A TRAFARIA

Passageiros decidem boicotar aumento

Os utentes das carreiras fluviais Trafaria-Belém-Trafaria e Porto Brandão-Belém e vice-versa mantêm-se na dispo-

sição de não pagar os 20 por cento com que aquelas carreiras foram oneradas no passado dia 1. Na sua esmagadora maioria trabalhadores, os passageiros daquelas duas ligações fluviais consideram exagerado e inoportuno o aumento, e manifestam-se também contra as condições de insegurança de todos os «caciheiros» que servem a zona.

Continuando a pôr em prática as decisões tomadas num plenário convocado pela Comissão de Moradores da Trafaria e zonas populacionais que circundam aquela freguesia, designadamente a Corvina, Morfacem e o Pica-Galo, os habituais passageiros daqueles barcos recusam-se a comprar bilhete quer nas horas de ponta, quer nas horas de menos afluência.

Também não concordam que, a partir das 10 horas e até às 17, isto é, nas horas intermédias, os barcos que largam da Trafaria se desviem até Porto Brandão antes de aportar a Belém, aumentando substancialmente o tempo de percurso.

SECOL

VA A



LONDRES

DE
26 a 29 NOV.
POR

4.300\$00

Contacte-nos pelos telef.
324486 ou 369838

SECOL

Agência de Viagens
Rua do Arsenal, 134

Geral

VIII CONGRESSO DO P.C.P.

Primeiras delegações chegam a Lisboa

«Sobe a mais de meia centena o número de organizações e de partidos amigos estrangeiros que confirmaram a sua presença no VIII Congresso do Partido Comunista Português, a iniciar no próximo dia 11 nas instalações da F. I. L. Algumas das delegações encontram-se já em Lisboa. De entre elas, a delegação do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (P. A. I. G. C.), chefiada por Vasco Cabral, membro do Conselho Superior de Luta e Comissário do Povo para o Planeamento Económico — assinala um comunicado da Secção de Informação e Propaganda do C. C. do P. C. P., o qual adianta ainda outras informações sobre participações no próximo Congresso: «Chegaram já a Lisboa, entretanto, as delegações do Partido do Trabalho da Coreia (dirigida por Kim Gi Nam, do respectivo Comité Central), do Partido Progressista do Povo Trabalhador de Chipre (chefeada por Andreas Panti, secretário-geral adjunto) e do Partido Comunista da Argentina, representado por Hector Agosti, da direcção do partido. «Acaba, por outro lado, de confirmar a sua presença no VIII Congresso do P. C. P. o Partido do Congresso da Índia, responsável pelo Governo deste país, historicamente ligado ao Povo português por relações que o fascismo adulterou com a sua prática colonial. «É esperada amanhã, dia 8, vinda em avião especial cuja chegada ao Aeroporto de Lisboa está prevista para as 17 horas, a delegação do Partido Socialista Operário Húngaro.

Esta delegação é chefiada por Nemes Dezso, membro da Comissão Política.»

VASCO CABRAL EM LISBOA

Vasco Cabral, que chegou no sábado à capital, era aguardado no aeroporto por Rogério de Carvalho, do C. C. do P. C. P. e por Albano Nunes, membro suplente do mesmo Comité e responsável pela Secção Internacional. Em breves e informais declarações aquele dirigente do P. A. I. G. C. disse ser portador da solidariedade do seu partido à luta do Partido Comunista Português e, em referência ao quadro das relações entre os dois partidos, sublinhou a ajuda que a vários níveis, técnico e artístico nomeadamente, o P. C. P. prestou à celebração festiva do 20.º aniversário do P. A. I. G. C.

«Procuramos, desta forma, manifestar a nossa solidariedade para com a luta desenvolvida há longos anos pelo P. C. P., com o qual temos longos e duráveis laços, estabelecidos sempre que defrontámos juntos o fascismo e o colonialismo» — disse Vasco Cabral acrescentando que contava «que a nossa presença em acontecimento de tão grande importância para a vida daquela organização política venha a contribuir para fortalecer a nossa amizade.»

Vasco Cabral diria ainda que durante a sua estada em Lisboa contava estabelecer contactos com autoridades governamentais portuguesas.

ANGOLA

F.A.P.L.A. estão a "limpar" o Sul antes das festas da independência

Uma vasta operação de limpeza no Sul de Angola terá sido desencadeada pelo MPLA, nestes dias que antecedem o primeiro aniversário da independência, com o objectivo de erradicar, definitivamente, as bolsas de elementos afectos à UNITA que têm provocado alguns actos de terror sobre a população da zona.

No entanto, a informação sobre as operações militares chega de locais e através de fontes que não merecem inteira credibilidade: a France Press, operando de Joanesburgo, cita a rádio sul-africana; a Reuter, em despacho da cidade de Oshakati, aponta como fontes as autoridades do sudoeste africano.

Também um «comissário-geral sul-africano para os povos indígenas do sudoeste africano» terá asseverado que vários milhares de pessoas atravessaram, ontem a fronteira, na refrega dos combates, dirigindo-se ao norte da Namíbia.

Como qualquer das agências insiste num pormenor — a participação de guerrilheiros da SWAPO (Organização Popular de Libertação da Namíbia) nas operações do lado das F.A.P.L.A. — e essa questão é dominante nos noticiários transmitidos pela rádio oficial sul-africana não é de afastar a hipótese de se tentar preparar o clima psicológico para incursões

armadas em território angolano por tropas sul-africanas estacionadas na Namíbia. Seria, como no outro lado do mapa da África, pretexto para as ditadas «perseguições a quente» dos guerrilheiros nacionalistas, justificação alegada pela tropa racista de Ian Smith para penetrar em Moçambique e destruir acampamentos de refugiados, vias de comunicação e instalações civis.

Segundo informou a rádio sul-africana «os combates teriam tomado o aspecto de uma operação militar de grande envergadura com a intervenção de blindados, artilharia e aviação».

A agência americana Associated Press, que distribui o seu serviço em Portugal através da ANOP, retoma o assunto, a meio da manhã de hoje, atribuindo a fonte da informação a refugiados com um pormenor: no outro lado da fronteira, na região dos ovambos, ouvir-se-iam, mesmo, disparos. Para além deste pormenor, a AP cita as mesmas fontes das agências oficiais francesa e inglesa, volta a referir a participação da SWAPO nos combates e insiste, também, na utilização de aviões, carros blindados e artilharia. E claro, não esquece, o tal «comissário-geral sul-africano».

RODÉSIA

Nacionalistas garantem que não serão os primeiros a abandonar Genebra

«Enquanto toda a gente se mantiver à mesa das negociações, pode-se afirmar que se está a atingir qualquer progresso» — afirmou um funcionário pertencente à delegação britânica, presente nas conversações de Genebra para a transferência do poder na Rodésia para um governo de maioria negra. Por seu lado, funcionários pertencentes às quatro delegações nacionalistas negras e à delegação representante da facção branca tornaram claro que não desejam ser os primeiros a abandonar a conferência. «Ninguém nos acusará de abandono» — declarou um porta-voz nacionalista.

Entretanto, os cinco Estados africanos da «linha da frente», cujos presidentes se reuniram em Dar es-Salam, chegaram à conclusão de que «a luta armada é a única maneira de conquistar a independência na Rodésia». Num comunicado emitido após a reunião, os cinco países reafirmam «o seu total apoio à luta armada para a libertação do Zimbábue».

Mantém-se, em Genebra, a divergência de posições acerca da data para a transferência de poderes, o que impede a discussão de todos os outros pontos em agenda. A delegação branca, chefiada agora pelo ministro rodésiano dos Negócios Estrangeiros, Pieter van der Byl, insiste em que são necessários 23 meses para completar o necessário processo legal e constitucional para

a independência, enquanto os nacionalistas pretendem que esta seja declarada dentro de doze meses.

Segundo alguns observadores, van der Byl avisou o chefe da delegação britânica e o presidente da conferência, Ivor Richard, de que a aceitação das exigências nacionalistas poderia dar origem a pânico entre a população branca e a um

exodo maciço que prejudicaria a Rodésia e todos os que nela vivem.

Por sua vez, o primeiro-ministro sul-africano, John Vorster, declarou hoje que será «muito difícil» que a conferência de paz de Genebra sobre a Rodésia obtenha algum êxito, caso não sejam respeitados os princípios do plano elaborado por Henry Kissinger.

O padre John Collins, decano da catedral de S. Paulo, em Londres, uma das mais proeminentes personalidades nas campanhas contra a discriminação racial, afirmou ontem num sermão que a situação na África do Sul «é diabolicamente má» e que o sul do continente africano «é um espantoso bastião de discriminação, intolerância e perseguição racial».



JUVENTUDE PERMANENTE E BRILHANTE, conseguida com os extraordinários produtos de «GUERLAIN». Limpar e tratar (também tonificar). Eleger «MAGISTRAL», «SUPER-NOURRISSANTE-2», «CREMILMENT-1», «MASQUE BEAUTÉ D'UN SOIR». Cuidar sempre. As grandes loções de «GUERLAIN»: «LOTION AROMATIQUE», «LOTION TONIQUE».

BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções

Av. 24 de Abril, 50 — Rua Infante 16 550 — LISBOA



Salisbúria, Novembro de 1976: o «exército dos gelados» é trabalho para negro

Oficiais da Armada debateram Economia

Na sequência do que vem sendo hábito, realizou-se no Clube Militar Naval mais um colóquio, desta vez sobre a Economia Portuguesa, em que participou o dr. Eugénio Rosa.

Previo-se a presença de outros economistas, de tendências políticas diversas, que não puderam contudo comparecer por motivos de última hora, pelo que a grande expectativa decorrente de uma larga troca de ideias não pôde ser totalmente satisfeita.

Mesmo assim, a grande participação dos oficiais da Armada, entre os quais se viam os

Conselheiros da Revolução, deu um interesse muito especial ao colóquio, ressaltando a tónica duma análise crítica à maioria das intervenções e conclusões da recente conferência internacional sobre a Economia Portuguesa, patrocinada pela Fundação Gulbenkian.

Neste domínio, é de registar o contributo do dr. Mário Valadas, que se encontrava presente, ao abordar a problemática do sector público produtivo.

Este colóquio foi moderado pelo comandante Proença de Oliveira.

ALTO-COMISSÁRIO DOS DESALOJADOS CHEGOU HOJE AO PORTO

PORTO, 8 — O alto-comissário para os desalojados, coronel Gonçalves Ribeiro, iniciou hoje, nesta cidade, uma série de visitas a várias sedes de distrito do continente, para contactos que envolvem a explanação dos planos de acção sectorial e global do seu departamento e a auscultação dos problemas específicos dos desalojados em cada uma das regiões.

É o seguinte o programa das reuniões: hoje e amanhã, reunião com os governadores dos distritos do Porto, Viana do Castelo, Braga, Vila Real e Bragança; dias 10 e 11, reunião

com os governadores dos distritos de Viseu, Aveiro, Castelo Branco, Coimbra e Guarda; dia 12, reunião com os governadores dos distritos de Beja, Portalegre, Évora e Faro.

Em LAGOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no QUIOSQUE de LAGOS

Trabalho

ENCONTRO NACIONAL EM LISBOA

Apontadas soluções globais para os problemas do trabalho

Mais de quatro mil representantes de organizações sindicais e de comissões de trabalhadores, do continente e ilhas, debateram no sábado os principais problemas que se colocam ao mundo do trabalho, e apontaram soluções e linhas de rumo para a legislação do sector.

Deste modo se concretizou o primeiro Encontro Nacional de dirigentes e delegados sindicais e membros das CTS, do qual resultaram conclusões sobre temas debatidos em dez secções. Avultam, entre eles, questões como a contratação colectiva, direito à greve, direito ao trabalho, segurança de emprego, controlo operário, segurança social, horário de trabalho, empresas autogeridas e intervenções, e trabalho doméstico.

Resultou, dos debates, a conclusão de que «é fundamental prosseguir com um intenso trabalho de massas, na mobilização permanente dos trabalhadores, mantendo e reforçando a sua unidade e organização para se conseguir levar a bom termo a luta contra os inimigos da democracia, os inimigos de classe dos trabalhadores».

Apontou-se, por outro lado, para a necessidade de consagrar o princípio da «obrigatoriedade da participação dos trabalhadores na elaboração da legislação do trabalho, bem como na planificação e reestruturação dos sectores».

O Encontro assinalou, também, a importância do próximo Congresso de Todos os Sindicatos para a concretização da perspectiva da construção de uma sociedade justa e sem exploração.

Segundo números provisórios, este encontro, dos maiores de sempre, contou com a presença de 522 dirigentes sindicais, representando 181 organizações, 2001 delegados sindicais e 1528 membros

de comissões de trabalhadores, totalizando 4.051 representantes. Há a assinalar perto de 400 intervenções ao longo dos debates nas diversas secções, que culminaram com uma sessão de encerramento no Pavilhão dos Desportos largamente concorrida.

A contratação colectiva foi um dos temas que maior atenção mereceu por parte dos delegados ao Encontro. «Cerca de um milhão e quinhentos mil trabalhadores dos mais diversos sectores têm os seus interesses imediatos prejudicados e sofrem as consequências das dificuldades existentes na negociação dos contratos colectivos de trabalho», constatarem reproduzindo assim as recentes conclusões de um grupo de estudo para o assunto, criado pelo Movimento Sindical.

A responsabilidade por esta situação cabe «fundamentalmente ao patronato reaccionário e ao grande capital», que «actua com objectivos imediatos de aumentar a exploração dos trabalhadores e provocar ou agravar artificialmente conflitos e tensões susceptíveis de originar maiores dificuldades ao regime democrático». A actuação do Governo, neste aspecto, mereceu algumas críticas, pois «tem facilitado a política de recuperação capitalista», não se opondo com a firmeza necessária a essa «conduta obstrucionista e sabotadora».

Sugerem-se, pois, medidas tendentes a reconhecer o direito de contratação colectiva sem qualquer discriminação e por ramos de actividade; fixação de um prazo máximo de três meses para a conclusão do processo de regulamentação e criação de mecanismos legais que promovam a rapidez do processo de contra-

CONTRATOS COLECTIVOS

tação; revogação imediata do

decreto-lei vigente que regulamenta esta matéria; possibilidade de retroactividade dos CCTs. O Encontro ratificou, ainda, o projecto de diploma já apresentado pelo Movimento Sindical, consagrando estas aspirações.

No domínio do direito ao trabalho e segurança de emprego, os participantes pronunciaram-se pela revogação imediata de «toda a legislação antio-perária» que atente contra esses direitos. Entre ela, encontra-se o diploma que altera o regime de despedimentos, cujas disposições já começaram a ser aplicadas por «parte do patronato reaccionário», apesar do respectivo decreto ainda nem ter sido publicado. Os participantes exigem, aliás, a sua não promulgação, por o considerarem inconstitucional.

Das conclusões, quanto a este ponto, consta ainda a necessidade de revisão do diploma sobre contratos a prazo e do decreto-lei que determina a integração dos «excedentes» da função pública no quadro de adidos. Chamou-se também a atenção do Governo para a necessidade de cumprir «o espírito e a letra da Constituição da República no que se refere ao direito ao trabalho, censurando-o severamente pelas cedências que tem vindo a fazer ao patronato revanchista e reaccionário».

Os delegados lembraram os despedimentos, agressões, injúrias, ameaças, manobras vexatórias que estão a ser dirigidas contra dirigentes e delegados sindicais e membros de comissões de trabalhadores, «perante a inércia, a incompetência e, por vezes, a cumplicidade do aparelho de Estado».

DEFENDER OS POSTOS DE TRABALHO

O controlo operário reuniu

cerca de mil delegados, proporcionando perto de 50 intervenções para clarificação do tema. Concluiu-se que «o controlo operário constitui uma das formas de intervenção mais importantes dos trabalhadores para defender as nacionalizações, a Reforma Agrária e as empresas controladas pelos trabalhadores, para defender os postos de trabalho e melhorar as condições de trabalho em cada empresa».

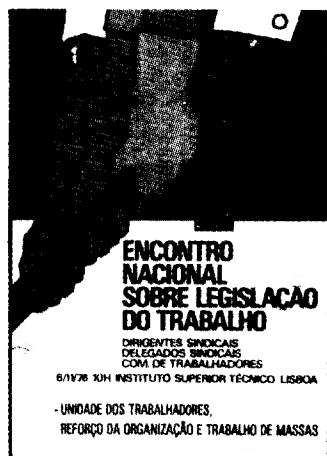
O Encontro apoiou, por isso, o projecto apresentado pelo grupo de deputados comunistas à Assembleia da República, recentemente divulgado, apelando aos «deputados progressistas» para que o aprovem. Segundo as conclusões, é fundamental que o controlo operário avance, combatendo a sabotagem do patronato «que em muitas empresas se aproveita da falta de legislação».

O Encontro manifestou-se claramente contra o sistema de co-gestão, e debruçou-se sobre os problemas das empresas geridas pelos trabalhadores e intervenções, recusando a sua devolução. No que respeita, particularmente, às empresas em autogestão e cooperativas, exigiu-se a imediata publicação do despacho que cancela as acções de restituição de posse postas pelo patronato (os tribunais continuam a dar execução a essas acções, alegando a não publicação do diploma que as suspende); a entrega aos trabalhadores das empresas que estavam a ser geridas pelos trabalhadores e que foram indevidamente ocupadas pelos antigos patrões; e a publicação de um decreto-lei que assegure aos trabalhadores o direito de assumir a gestão das empresas a título definitivo e legalize as situações de facto, sem qualquer indemnização ao patronato.

APLICAR A CONSTITUIÇÃO

Também o direito à greve mereceu tratamento especial. Foi bastante criticada a proposta de lei apresentada pelo Governo, que, em conjugação com o decreto sobre despedimentos, levam a supor que «o Governo visa ilegalizar todas as formas de luta dos trabalhadores que não consistam na paralisação total».

Tomando sempre como ponto de referência a Constituição, os delegados sustentam que não poderá existir qualquer restrição ao exercício do direito de greve. Apontam-se, em



consequência, um conjunto de medidas que deveriam encontrar consagração legal, designadamente as que visam evitar arbitrariedades repressivas durante a greve, e o princípio de que se mantém o direito à retribuição sempre que o motivo da paralisação reside na violação de direitos dos trabalhadores previstos na Constituição, nas leis ou na contratação colectiva.

No que respeita ao horário de trabalho nacional, apontou-se a necessidade de afastar a legislação em vigor sobre a matéria, e a sua substituição por uma regulamentação genérica que consagre as conquistas alcançadas. A regulamentação do horário de trabalho não deverá exceder as 40 horas semanais, e deve ter em conta as condições específicas de cada sector.

Da análise dos problemas da Previdência e segurança social resultaram conclusões que visam concretizar a gestão democrática naquela instituição. Outros princípios fundamentais defendidos pelo delegados: igualização progressiva dos regimes especiais ao regime geral; criação de um sistema unificado de Previdência e assistência, etc. Reconheceu-se, ainda, a necessidade de um Serviço Nacional de Saúde, geral e gratuito, e a urgência do aumento das pensões dos reformados e sinistrados no trabalho. Foram também salientadas as vantagens a criação de uma indústria farmacêutica estatal, que permita cortar «progressivamente os laços de dependência quase total das empresas multinacionais».

Outro tema debatido no encontro: o serviço doméstico. Os delegados salientaram a necessidade de apoio e solidariedade para com este sector, e insurgiram-se contra a discriminação de que é vítima. Das conclusões ressalta a necessidade de imediata publicação de legislação que assegure às empregadas domésticas os direitos fundamentais, nomeadamente o direito ao trabalho, à segurança no emprego, ao horário de trabalho, descanso semanal, justo salário, segurança social, férias e respectivo subsídio, e 13.º mês.

Quase certo 13.º mês em títulos

Com o envio a Conselho de Ministros do projecto de decreto-lei que estabelece as normas a aplicar para que parte do 13.º mês seja pago em Títulos do Tesouro, parecem ser cada vez menores as dúvidas de que o Governo mantém firmes os seus propósitos de concretizar esta medida.

O projecto de decreto agora enviado para discussão ao plenário do Governo, abrange na medida, além dos assalariados, os reformados, os trabalhadores por conta própria, os empresários e os proprietários. Para os infractores estão previstas pesadas sanções que podendo atingir os mil contos,

podem ainda ser agravadas com penas de prisão até um ano.

De acordo com o projecto do diploma, os títulos que completarão o subsídio de Natal em montantes superiores a cinco contos, deverão ser requisitados a partir do dia 16 de Dezembro na Caixa Geral de Depósitos e o seu pagamento poderá ser feito em duas prestações quando a importância a investir for superior a dez contos.

Ainda do projecto: os juros começarão a ser devidos a partir de Fevereiro de 1978 e as amortizações iniciam-se em 1980, por sorteio ao par.

Têxteis Continua a greve na "Lopes Henriques"

Em plenário realizado no início da manhã de hoje, os trabalhadores da firma «Manuel Lopes Henriques e Filho, Lda.» decidiram-se pela continuação da greve total iniciada em consequência da declaração de despedimentos feita aos dirigentes sindicais Manuel Correia Lopes, actual presidente da Direcção do Sindicato dos Têxteis do Sul, e António Cunha Rosas, presidente da Assembleia Geral do mesmo sindicato e membro do Secretariado da Intersindical.

Segundo informação recolhida junto da Comissão de Trabalhadores, a adesão à greve é total. Neste aspecto não se terá, portanto, verificado qualquer «surpreendente viragem», conforme expressão utilizada na edição de hoje do «Diário de Notícias», jornal que publica uma carta do advogado da Administração da empresa, dr. Alberto Bento, caudilco que apresenta uma versão dos acontecimentos «completamente diferente», na verdade, da que foi apresentada, não só em comunicado da Intersindical, como em documentos do Sindicato dos Têxteis do Sul. O advogado citado evoca insistentemente aquilo que chama a «era do terror gonçalvista» para concluir que o Poder terá passado «para melhores mãos», registando-se a partir de então a decisão tomada pela Administração da firma relativamente à situação dos trabalhadores Manuel Lopes e António Rosas. O advogado termina a carta saída no «Diário de Notícias» formulando o voto de «que Deus nos ajude a levar a Cruz ao Calvário».

A crise laboral desencadeada na Manuel Lopes Henriques coincidiu com o início das paralisações diárias de uma hora no sector têxtil privado, fórmula de luta adoptada com vista a forçar o patronato a vir à mesa das negociações para a negociação do Contrato Colectivo Único e Vertical pretendido pelos trabalhadores. Na zona de acção do Sindicato dos Têxteis do Sul, a greve passou a duas horas, visando a segunda hora a reintegração dos trabalhadores da Manuel Lopes Henriques.

Em declarações prestadas recentemente à Anop, o presidente da Direcção do Sindicato dos Têxteis do Sul relacionou a atitude agora assumida pela administração da «Manuel Lopes Rodrigues» com uma manobra que estaria a ser orquestrada pela CIP, com vista a impedir a concretização do contrato único e vertical, manobra inserida noutra mais vasta a recuperação, pelo capital, das conquistas alcançadas pelos trabalhadores nos últimos dois anos. Sublinhe-se a este propósito uma passagem que parece ser bem conclusiva do espírito com que foi redigida a carta já aqui citada do advogado Alberto Bento, mormente pela referência velada às conquistas da Reforma Agrária. Diz o caudilco, entre muitas outras coisas: «Se a terra é para quem trabalha, também o salário só deve ser para quem trabalha». Esta afirmação vem no seguimento de toda uma argumentação tendente a demonstrar que os dirigentes sindicais Manuel Lopes e António Rosas não são trabalhadores.

"DEMOCRACIA E PLURALISMO"

Dirigentes dos Escritórios recusam convocar assembleia

Os corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório de Lisboa continuam a dar provas do seu espírito antidemocrático e prepotente, recusando-se desta vez, a convocar uma assembleia geral extraordinária pedida por mais de duzentos sócios do sindicato e destinada a debater a legitimidade do referendo que os mesmos corpos gerentes impuseram à classe para o dia 18.

Na passada sexta-feira, o pedido de convocação foi entregue aos corpos gerentes. A assembleia deveria realizar-se, segundo o pedido dos sócios, no dia 16, ou seja dois dias antes da data marcada para a realização do referendo. Este foi «decretado» pelos dirigentes do Sindicato na sequência da tumultuosa assembleia geral extraordinária realizada a 14 de Outubro com o objectivo de analisar o comportamento da Direcção e definir orientações quanto à posição desta relativamente ao Con-

gresso dos Sindicatos. A direcção dos Escritórios foi subscritora da chamada «Carta Aberta» e uma das mais acérrimas defensoras da linha divisionista da referida «carta». Como a assembleia se mostrou desfavorável à posição da direcção e favorável à unidade os corpos gerentes, depois de vários atropelos à legalidade destas reuniões, saíram da sala e deram posteriormente a assembleia por encerrada, impondo que o assunto se resolvesse por consulta à classe através de referendo. Grande número de sócios começou a movimentar-se, contestando a legalidade da realização do tal referendo e demonstrando que a assembleia fora ilegalmente encerrada, já que havia inscrições na mesa e propostas para debater e aprovar.

Depois da entrega do pedido, na sexta-feira, os corpos gerentes do Sindicato convocaram os mandatários dos subscritores do pedido de convocação, dizen-

do-lhes claramente que não convocavam a assembleia geral extraordinária por eles solicitada para a data desejada, mas que a convocariam para data posterior à do referendo.

Entretanto, a actuação dos corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório de Lisboa continua a ser alvo de censura e repúdio por parte de organizações de trabalhadores. Assim, os trabalhadores de escritório da «Empresa de Publicidade Seara Nova» aprovaram uma moção de censura aos dirigentes do Sindicato, na qual exigem «a devida continuação da assembleia geral extraordinária iniciada em 14 de Outubro, cuja necessidade é confirmada pela grande afluência que a primeira sessão teve (os sócios que lá foram não procuravam um «referendum») e que sejam considerados válidos todos os documentos e pedidos de inscrição entrados na mesa, a menos que os proponentes os queiram retirar».

Estrangeiro

ANTÓNIO CUBILLO FALOU AO "DL" EM A QUE QUER O M.P.A.I.A.C. NAS

Entrevista conduzida por FERNANDO ANTÓNIO ALMEIDA

As Canárias começam a ser notícia que transborda a crónica turística. O corpo dum industrial raptado vai para uns três meses acaba de ser descoberto no fundo dum poço. Na altura tentou-se dar ao rapto uma conotação política, a partir dum pedido de resgate encapado de política. Aproveitou-se então para acusar os autonomistas, o que levou a um desmentido imediato da parte do M.P.A.I.A.C., o Movimento para a Autodeterminação e Independência do Arquipélago Canário, com sede em Argel. Na sequência deste caso a Polícia abateu um jovem quando julgava perseguir um dos suspeitos do crime. Esta morte provocou uma onda de protestos que culminaram em greve. Tudo isto num clima de certa tensão particular às ilhas, baseado num sentimento de diferenciação entre canários e espanhóis que, naturalmente, o franquismo reinante impediu de se exprimir, de definir os contornos reais, os limites. Diferenciação levada ao seu ponto extremo pelo M. P. A. I. A. C. e para quem diferenciação significa independência. Daqui a entrevista com o advogado António Cubillo, secretário-geral do Movimento, há longos anos exilado em Argel. Um ponto de vista, portanto.

Ao lado da costa africana, as Canárias têm andado esquecidas do noticiário política talvez injustamente. Sete ilhas principais, um pouco mais de 7000 km², cerca de um milhão e meio de emigrantes. Além disso mais de meio milhão de emigrados na América Latina. A população está visivelmente castelhanizada e a etnia guanche — os primitivos habitantes que portugueses e castelhanos traziam para a Península como escravos — no seu estado puro, há muito que desapareceu, dizimada pelas razias dos cristãos peninsulares. O que resta anda misturado com sangue ibérico.

Canárias é turismo — quase, meio turista por habitante. Porto franco, ponto turístico, Canárias é negócio. Em 1972 a população activa representava 36 por cento do total e repartia-se pela agricultura e pescas (35 por cento), pela indústria (25 por cento), absorvendo o terciário a maior percentagem — o sector dos serviços ocupava 40 por cento da população activa, comércio e turismo à vista. Mas turismo não impede agricultura, e neste campo a desigualdade é gritante: 75 por cento da propriedade rural está na mão de 3 por cento dos proprietários.

Canárias, como assunto político, tomou ultimamente novas dimensões. A entrega do antigo território espanhol do Sahara Ocidental (Sequiel Ahmara e Rio de Oro) a Marrocos e à Mauritânia, por «sugestão» ianqui, repôs o problema da importância estratégica das Canárias. Recordemos também o falhanço das manobras de Spínola para a entrega de bandeja, das ilhas de Cabo Verde a Nixon, que veio dar novo relevo às ilhas Canárias. Ferrolho do Atlântico Sul — e do famoso pacto na visão estratégica do americano-spinolismo englobava também Angola (Spínola Spínola) — as Canárias não são também alheias

nha, democratização por que passa a sua integração na N. A. T. O. e em que insistem os democratas euro-americanos para a total integração dos nossos vizinhos no bloco ocidental. O seu valor estratégico é de facto enorme. Donde a acuidade do problema levantado pela sua eventual independência.

De importância relativamente reduzida, o movimento independentista repousa todavia num sentimento anticastelhano já antigo. Ponto de passagem para a antiga América espanhola, fonte de emigração para o continente americano, as Canárias foram sensíveis aos movimentos anticoloniais das antigas possessões espanholas, nomeadamente à situação de revolta em Cuba nos meados do século passado. O sentimento «antigodo» — é «godos» que os canários chamam

outras.

Se o Movimento para a Autodeterminação e Independência do Arquipélago Canário (M. P. A. I. A. C.) se reclama duma ideologia revolucionária, já menos radical é o Movimento de Independência das Canárias (M. I. C.) inserido quase exclusivamente nos importantes núcleos de emigração canária estabelecidos, sobretudo, na Venezuela. «Moderação por razões tácticas», dizem-nos os responsáveis do M. P. A. I. A. C. É possível. Mas o que não é também de excluir é o aparecimento duma qualquer F. L. A. C., «made in U. S. A.», à imagem e semelhança do que aconteceu na Madeira e nos Açores, se qualquer risco de viragem à esquerda se vier a fazer sentir: seja ele pelo desenvolvimento do movimento independentista preconizado pelo M. P. A. I. A. C., seja

em conceder a autodeterminação ao povo arauí e consequente entrega do ex-Sara Ocidental a Marrocos e à Mauritânia.

Terá razão o M. P. A. I. A. C. na sua luta pela libertação do que chama «a última colónia africana da Espanha», princípio que conseguiu já fazer aceitar pela O.U.A.? Terão razão os partidos da Coordenação Democrática espanhola que insistem em considerar as Canárias parte integrante da Espanha?

Como sempre só o futuro o provará e talvez seja apressado pôr em paralelo, como o fazem os militantes do M. P. A. I. A. C., a atitude dos partidos franceses de esquerda para com as reivindicações de independência da Argélia, com a posição dos partidos espanhóis.

Dado que o problema das ilhas Canárias e em geral pouco conhecido, a primeira coisa que gostaria que nos explicasse eram as razões que para o M. P. A. I. A. C., justificam a independência das Canárias.

«Há razões históricas, étnicas e geográficas que a maioria dos europeus desconhece devido à falsificação do facto colonial canário por parte do Governo colonialista espanhol.

«No século XV existia nas Canárias um povo africano de origem berber, os guanches, que vivia pacificamente no arquipélago já há mais de quatro mil anos: cerca de 1342 começaram as expedições contra a nossa pátria por parte duma frota marroquina do reino de Aragão. Durante o século XIV, aragoneses e castelhanos lançavam-se sobre as Canárias à busca de escravos, até que em 1402, os castelhanos iniciaram a conquista em devida forma, enviando uma expedição comandada pelo pirata normando Jean de Bethancourt que estava ao serviço de Henrique III de Castela. A conquista, porém, embateu com a feroz resistência dos guanches e não se conseguiu terminar senão em 1496 com a queda da maior ilha do arquipélago, a ilha de Tenerife.

«Posteriormente os guanches foram cristianizados e os seus nomes trocados por nomes e apelidos espanhóis. Ao longo dos séculos foram perdendo a religião, as tradições e a própria língua que só se conserva em alguns milhares de palavras soltas incorporadas na língua do arquipélago. Mas o povo guanche subsiste hoje nas ilhas como o têm afirmado todos os antropólogos que vieram estudar as populações actuais das Canárias. Houve uma certa mistura com espanhóis vindos nos tempos da conquista e com muitos camponeses e famílias portuguesas vindas nos séc. XVII e XVIII da vizinha ilha da Madeira. É um facto que os antropólogos, entre eles Miguel Fusté, espanhol, e Ilse Iswidesky, alemã, estão de acordo: em que a maioria da população canária é guanche.

«Quanto às razões geográficas, Canárias é o arquipélago africano mais próximo do continente. Só o separam 100 quilómetros enquanto que as costas europeias se encontram a 1200. Canárias nunca teve nada que ver com a Europa da

mesma maneira que nunca tiveram nada a ver com a Europa as ilhas de Cabo Verde. Basta pegar num mapa de África para compreender o que toda a gente pode ver facilmente. A única realidade que existe é que Canárias é a última colónia africana de Espanha, aparte os enclaves que Espanha possui em Marrocos, isto é: Ceuta, Melilla, ilhas Chafarinas e os «peñones» de Velez de La Gomera e de Al-Hucemas.

«O Comité de Libertação da O. U. A., em Julho de 1968, na cidade de Argel, reconheceu que as Canárias formam parte da África e não da Espanha e que o nosso povo tem direito à independência como os outros povos colonizados da África.»

Passando agora a outra pergunta, desta vez sobre a vossa organização, o Movimento para a Autodeterminação e Independência do Arquipélago Canário. Como nasceu este movimento e qual é o seu programa?

O M. P. A. I. A. C. nasceu em Outubro de 1964 como transformação do primeiro movimento autonomista das Canárias, o M. A. C., que surgiu em 1960 e que agrupava todas as tendências nacionalistas e patrióticas dessa época. Nesse momento pensávamos que se devia falar de autonomia e o movimento era conhecido pelo nome popular de «Viva Canárias Livre». Fizeram-se muitas acções de massa, greves e mobilizações populares que culminaram com uma série de greves em 1962, no mês de Março. Devido a um desafio de futebol com uma equipa espanhola houve um incidente e nesse dia 25 de Março o público e os habitantes de Las Palmas saíram à rua numa manifestação de mais de 15 mil pessoas pedindo a independência. Poucos dias depois caía nas mãos da Polícia uma grande parte da direcção do M. A. C., que foi submetida a Conselho de Guerra. Eu pude sair da prisão em liberdade provisória e escapar para o estrangeiro no mês de Junho para reconstituir o movimento. Em 1963 vim para a Argélia e a partir daqui pudemos reconstituir em parte a organização e em Setembro de 1964 decidimos mudar o nome e os fins do movimento patriótico «Canárias Livre», unindo-se-nos alguns grupos para formar o M. P. A. I. A. C. que nasceu no dia 22 de Outubro de 1964.

«Quanto à segunda parte da pergunta, as consignas de luta do M. P. A. I. A. C. são: independência, liberdades populares e socialismo. Mas quando dizemos independência política, económica e cultural da antiga metrópole espanhola. Depois, o bloco popular que é o M. P. A. I. A. C., formado por operários, camponeses, pescadores e intelectuais revolucionários, assim como por simplesmente patriotas que aceitam os nossos princípios e métodos de luta; este bloco popular lutará para arrancar todas as liberdades populares e construir o socialismo. Nós não nos conformamos com a independência política. A nossa luta tem implícita tudo isto que te acabo de dizer.»

Quer a agota pôr-te um ou-



«Há razões históricas, étnicas e à falsificação do facto colonial canário»
Antonio Cubillo, secretário-geral

tro problema que ultrapassa as simples relações Espanha/Canárias e que envolve um bloco económico-militar, o bloco ocidental. Não crês que a situação estratégica das Canárias dificultará a luta pela independência quando esta luta é enfocada duma maneira progressista?

«Com efeito a nossa luta não é contra o colonialismo espanhol mas também contra o imperialismo U. S. A. que estabeleceu bases nas Canárias desde 1960. De facto naquela época instalaram-se as primeiras bases na ilha da Gran Canária, na zona de Maspalomas. É uma base de teleguiagem e direcção e para os mais diversos controlos de todos os projectos relacionados com satélites espaciais, como os «Samos», assim como os HS-303 A e os satélites estacionários, sobre o Atlântico. Posteriormente, os americanos instalaram uma base de «Sonars» na ilha de La Palma, que posteriormente foi trasladada para a ilha de Tenerife, na Punta de Teno. Esta base serve para o controlo de todos os navios e submarinos navegando na zona das Canárias.

«No momento actual, Espanha, sob a pressão do Pentágono, construiu um imenso aeroporto no sul de Tenerife, zona de Granadilla, para receber os aviões mais pesados do mundo o que levou a construir um pista duns quatro quilómetros de comprimento com uma base de cimento armado de 70 cm de espessura. Mesmo ao lado deste gigantesco aeroporto vai-se construir uma das maiores bases navais da África do Noroeste, a base de Tejita, no sul de Tenerife, preparada para receber submarinos atómicos e todo o tipo de navios de guerra.»

E qual a função que desempenham essas bases, já que certamente se integram numa estratégia global?

«O Pentágono sabe perfeitamente que a Espanha vai entrar na O. T. A. N.; como as Canárias são um colónia africana da Espanha, imediatamente a O. T. A. N. se encontra



Agricultor canário: foto inserta em «La España de los Españoles», publicação propagandística do regime franquista. O sorriso é fabricado

aos continentais — está, e desde há muito, bastante generalizado. Não se pretende com isto significar que a aspiração à independência seja o sentimento dominante nos canários. Somente sublinhar como o mal-estar — que leva ao isolamento dos espanhóis do continente no seio da população canária — pode entrar em linha de conta numa virtual independência do arquipélago. A verdade é que tanto os autonomistas com que discutimos o problema, como os espanhóis que são favoráveis ao «statu quo» que contactámos, coincidem neste ponto: os canários têm uma consciência profunda da sua especificidade e reagem contra os «continentais» a quem acusam de vir ocupar os lugares privilegiados que deviam caber aos canários, quer no funcionalismo, quer nas em-

por uma transformação da situação política em Espanha.

Se, como dissemos atrás, o M. P. A. I. A. C. parece ainda ser um movimento de importância limitada (até porque os grandes partidos políticos de oposição espanhóis não encaram o futuro das Canárias na via da independência, o que portanto faz com que o M. P. A. I. A. C. tenha um obstáculo suplementar a transpor), o certo porém é que a sua audiência aumentou nestes últimos meses. Por outro lado, com a incorporação no movimento de pequenos grupos da extrema-esquerda, nomeadamente do Movimento Comunista (M.C.), por outro com o aparecimento deste ano, da Rádio Canárias Livre que emite diariamente uma hora, criação que se deve à cência do emissor pelas autoridades argelinas como reacção

Estrangeiro

ARGEL

CANÁRIAS ?



geográficas que a maioria dos europeus desconhece devido anário por parte do Governo colonialista espanhol — sustenta do Movimento para a Autodeterminação e Independência do Arquipélago das Canárias

trará com umas bases magníficas a mais de 1000 km da Europa e como uma ponta de lança em África. Esta oportunidade não a pode perder, já que das Canárias se poderá controlar perfeitamente toda a África do Noroeste, a parte ocidental do mundo árabe. As canárias servem também para controlar a rota do petróleo na sua última parte, e o triângulo Canárias, Kenitra (Marrocos) e Rota (sul de Espanha) é um triângulo estratégico de primeira grandeza para vigiar a entrada e a saída do Mediterrâneo. Apoiando-se nos Açores, o Pentágono potência ao máximo esses três pontos — Rota, Kenitra, Canárias — complexo que vai formar a vanguarda ofensiva-defensiva dos U. S. A. nesta parte do Atlântico.»

Mas, estrategicamente, as Canárias representam para a O. T. A. N. ainda algo mais do

que acabas de dizer, não é verdade?

«Assim é, com efeito. Não devemos esquecer que o cabo submarino Lisboa-Cidade do Cabo passa pelas Canárias e que este é o único cabo que têm a O.T.A.A. e a N.A.S.A. para contactar as suas bases na África do Sul. Tão-pouco há que olvidar que neste momento os U. S. A. têm em preparação o pacto do Atlântico Sul, e necessitam deste cabo para as comunicações com a África do Sul que, junto com o Brasil e a Argentina, formará o citado pacto. De Canárias sai também o cabo submarino que vai ao Recife e que é empregado pela O. T. A. N. para comunicar com a América.

«Há ainda que assinalar que os portos canários são de primeira importância. No ano passado foram utilizados por 17 000 navios. Os aeroportos

igualmente, pois têm uma capacidade de 150 aviões por dia. Tudo isto faz com que o imperialismo tenha a intenção de converter as Canárias num bastião para os seus planos. Por isso os esforços enormes que estamos fazendo para desfazer estes planos e evitar a nossa destruição como povo e conseguir-nos manter como uma zona pacífica. A permanência debaixo das garras do colonialismo espanhol é um perigo enorme, já que o regime colonial espanhol é o mais fiel aliado dos iniques. Daí a importância da nossa luta para a segurança do nosso próprio povo assim como para a segurança dos povos da África do Norte e do mundo árabe.»

Por fim, para terminar esta entrevista, gostava de perguntar-te, Antonio Cubillo, se a situação estratégica das Canárias desempenhou algum papel na solução adoptada pela Espanha para o ex-Sara Espanhol, que foi, falseando as promessas feitas anteriormente, o da entrega do território a Marrocos e à Mauritânia?

«É evidente que os U. S. A., que têm a intenção de converter as Canárias numa grande base da O. T. A. N., não podiam permitir a existência dum estado que eles não controlassem a somente 4 minutos, em avião de reacção, das costas canárias. Tenha-se em conta que entre El-Ayun, a capital do Sara, e as Canárias um F-111 leva precisamente 4 minutos a percorrer essa distância. Ora em 4 minutos é impossível preparar a defesa contra um ataque e portanto o Pentágono «aconselhou» Madrid a entregar o Sara a Marrocos e à Mauritânia para aí poder instalar bases de controlo, de radares e de telecomunicação para defender as Canárias ou impedir qualquer ataque no futuro. Por isso o Governo espanhol aceitou aos desejos do Pentágono e o assunto terminou como todos sabemos; vendendo o heróico povo saraui e o seu território, em violação de todos os direitos dos povos.»



Paisagem vulcânica da ilha de Lanzarote, onde o engenho da população tenta arrancar alguma coisa à terra madrastra



Eugenio del Rio, secretário-geral do M.C., falando ao nosso jornal

M.C. DE ESPANHA DEFENDE

Possibilidade de escolha entre monarquia e república, centralismo ou federalismo

Obrigar o regime espanhol a convocar eleições, após um amplo período de liberdades públicas, em que se possa optar entre a Monarquia e a República e entre o federalismo e o centralismo é um dos objectivos centrais do «Movimiento Comunista», agrupamento da esquerda revolucionária integrado na Coordenação Democrática.

O «leader» deste movimento, Eugenio del Rio esteve recentemente em Portugal para contactos políticos com a esquerda revolucionária portuguesa e apontou-nos, na circunstância, as tarefas actuais do MC quer na agitação e propaganda junto das massas populares, onde o movimento tem influência, quer no seio da Coordenação Democrática de que faz parte.

«O nosso plano para a saída democrática do regime passa, primeiro, pela formação de um governo provisório democrático e, depois, por um período de liberdade de propaganda suficientemente ampla para permitir a escolha consciente entre as diversas opções políticas que se apresentam ao povo espanhol. Colocar-se-ia, então, a questão da escolha entre a Monarquia e a República, entre o centralismo e o federalismo».

Mantendo em Portugal contactos com o conjunto da esquerda revolucionária e sem privilegiar nenhum movimento em especial, o «Movimiento Comunista» faz, parte em Espanha, da Coordenação Democrática. O seu secretário-geral expôs ao «DL» a posição do MC dentro da Coordenação e, em particular, face ao Partido Comunista Espanhol.

«Estamos na Coordenação Democrática desde a sua fundação pois consideramos imprescindível uma ampla unidade de todas as forças democráticas em torno da plataforma de base acordada. Não pretendemos que a Coordenação seja mais do que isso; mas deve sê-lo de modo completo. Devemos manter uma atitude clara e firme perante as tentativas do Governo de prolongar uma situação que não se pode qua-

lificar de democrática. As nossas relações com o Partido Comunista Espanhol são difíceis e distantes. Temos estratégias diferentes mas isso não constitui obstáculo definitivo para que haja uma colaboração com os seus militantes a nível de organizações de massas».

FUSÃO DE VÁRIOS AGRUPAMENTOS

«O «Movimiento Comunista» teve origem nas movimentações operárias de há uns 10 anos mas aparece, formalmen-



É essencial que as forças democráticas rechacem o plano do Governo espanhol»

te, com esta designação em Janeiro de 73, resultando da fusão de vários agrupamentos políticos da esquerda revolucionária tais como o Movimiento Comunista Basco, Unificación Comunista del País Vasco, Federação dos Comunistas da Galiza e várias outras formações políticas regionais.

A Direcção do MC está uma parte no exterior e outra em Espanha, esta última vivendo numa situação de semilegalidade. Durante certo tempo o MC viveu em clandestinidade absoluta mas essa situação deu lugar às acções legais actuais e à revelação dos nomes dos principais dirigentes que funcionam como identificação pública do MC e como portavozes nas relações com a Coordenação Democrática e com as Comissões Operárias de que fazem parte.

Segundo informação dada ao «DL» pelo secretário-geral,

Eugenio del Rio, o «Movimiento Comunista» é composto de 63 por cento de operários sendo a restante massa de militantes pertencente a estratos estudantis, intelectuais e a profissões diversas. A média de idades é da ordem dos 25 anos e a percentagem de mulheres é de 34 por cento.

Antes de morrer Franco, os militantes do MC actuavam sobretudo, nos Sindicatos e nas comissões de moradores e trabalhadores. A representação pública estava a cargo de militantes no exílio ou «leaders» conhecidos que o fascismo lançara nas prisões. Com a morte de Franco foi acelerada a passagem à legalidade e a identificação do Partido sem subterfúgios legais.

Ao participar na Coordenação Democrática o «Movimiento Comunista» entrou numa fase nova da sua luta política. Dessa participação e dos objectivos transformadores que, em conjunto com outras forças democráticas espanholas, pretende alcançar, falou-nos o secretário-geral do MC, concluindo as suas declarações ao «Diário de Lisboa» durante a última estadia na capital portuguesa:

«A situação actual é resultante do facto de o fascismo ter entrado em crise irreversível sem que, de momento, estejam reunidas as forças que obriguem a uma saída democrática. Esta situação transitória prolonga-se há uns dois anos e as perspectivas da instauração de um regime democrático e respeitador das liberdades públicas dependem, fundamentalmente, de que num período próximo se desenvolvam movimentos de massas, capazes de obrigar as forças do regime a retroceder e a neutralizar as hesitações de alguns sectores de oposição democrática.

«É essencial que as forças democráticas rechacem o plano do governo que consiste na realização de eleições sem a garantia de liberdade de escolha, excluindo a esquerda da oposição democrática e legitimando a monarquia criada por Franco.»

PUBLICIDADE

Sindicato dos Trabalhadores na Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Sul

COMUNICADO

ELEIÇÃO PARA OS CORPOS GERENTES NO PRÓXIMO DIA 10 DE NOVEMBRO DE 1976

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral comunica que concorrem às Eleições para os Corpos Gerentes do nosso Sindicato, para o Biénio de 76-78, quatro listas, que depois de verificadas as regularidades dos seus candidatos, se encontram em condições para no próximo dia 10 de Novembro de 1976 serem eleitos.

LISTA A

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Afonso Monteiro
Amadeu Azevedo Esteves
Caronho
Maria Manuela Antunes
Barreto
António Costa Martinho
da Graça
Matilde Graça de Jesus

SUPLENTE

Manuel Alén Dias
Joaquim Pereira Pires

DIRECÇÃO

Américo Nunes
Victor Manuel da Silva Martins
Manuel do Nascimento Exposto
Pinto
Gustavo António Martins
Adolfo
Alfredo Lourenço Pinto
Vitor Eduardo Almeida
Assunção
Ricardo Feliciano da Silva
José Fernandes Ferreira
da Cunha
António Carlos Serra
de Almeida
Nelson Tavares Borlido
Amélia de Jesus Reis Santos
Manuel Monteiro da Silva
Domingos Vaqueiro, Rodrigues
Manta
Francisco Maria de Sousa
António Alegria Amiguiinho
Manuel Dinis Dias Bregieira
Manuel Joaquim Piteira

SUPLENTE

Manuel Gomes de Brito
Maria Teresa Marques
de Almeida Veiga
Leonardo Conceição Figueira
Carvalho
Joaquim José de Assunção
Trigo
Jacinto Diogo Luis

CONSELHO FISCAL

Alice Carvalho Noruegas Dias
da Rocha
Alberto Pedro da Costa
Orlando Blanco Bouzada

SUPLENTE

Carlos Pereira Correia

LISTA B

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Manuel Ferreira de Barros
Júlio da Cruz Rufino Barbosa
Angelo Pimenta da Silva
Rosa de Jesus Gonçalves
dos Anjos
Manuel Correia de Magalhães
Batista

SUPLENTE

Lúcio Santos Teixeira
Jorge Inácio Coelho
Maria Lurdes Dias Fonseca

DIRECÇÃO

Nelson Moreira Linsol Guedes
Maria José David Resende
Santos O. Batista
António Neves Pereira
Arménio de Jesus Fernandes
Alberto dos Anjos
Carlos Alberto Dias Ribeiro
José Domingos Pereira Tenda
Domingos Luis Araújo Costa
Agostinho Sequeira dos Santos
Avelino Bastos de Sousa
Manuel Gonçalves de Amorim
João Gil Gomes
Arlindo Rodrigues
Eduartina Adelaide Reis Pinto
Lopes
José Francisco Cuica
Luis Mariano Victor
José da Silva Teixeira

SUPLENTE

José Nogueira António
José Martins Roque
Diamantino Mesquita Andretta
Victor Manuel Jacinto Lopes
António Augusto Dias Moreira
Victor Manuel da Silva Gouveia

CONSELHO FISCAL

Arlindo Ferreira Napoleão
Fernando da Silva Gaspar
Hipólito Mendes da Conceição

SUPLENTE

Maria Oeu Nunes Morgado
Manuel António Ribeiro
Delgado

LISTA C

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

José Eugénio do Carmo Rebelo
Manuel João Primo Lopes
Maria Carolina Mota da Silva
José Manuel Bastos Pereira
José Figueiredo Groba

DIRECÇÃO

Manuel dos Santos Arrais
Cesaltina Maria Guerreiro
Jorge Manuel Pestana Miranda
Maria Benriz Oliveira Peixoto
de Menezes

Manuel Fernandes Duarte
Domingos Salgado Fernandes
Adélia Joaquina Direitinho P.
Meireles
Januário José Barata Neutel
Maria Helena Namora
Guerreiro da Cunha
Aires Augusto Gonçalves
Bernardo
António Francisco Soares
José Adolfo da Silva Boto
Maria Isabel Pereira de Sá
Pessoa
António José Marques
Abaladas
Mário José da Silva Fonseca
Domingos Dias Gonçalves
Eduardo Nunes Ladeira

SUPLENTE

José Ramos

CONSELHO FISCAL

Albano Xavier Socorro Sousa
João Firmino Rocha
Agostinho Calado Ferreira

SUPLENTE

Alfredo Farinha Rodrigues
João Gonçalves Campos

LISTA D

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Armando Fernandes Farinha
António Martins Redondo
Silvério Moreira Fernandes
António Abreu Gabriel
João Manuel Passaio
Albuquerque

SUPLENTE

Carlos António Almeida Abreu

DIRECÇÃO

António Loureiro Cipriano
Ricardo Luis Setúbal Barrocas
Hermínio Oliveira Esteves
Maria de Pátima Carvalho
Manuel José de Jesus Gaboleiro
Vitor Manuel Rodrigues
Carapinha
João Soares Fernandes de Paiva
Carminda Henriques dos Santos
Leonel Pedro Bernardino
António Ferreira Damil
Duarte de Almeida
Hildebrando Mendes Cerqueira
Custódio Luis Calado Pereira
António Luis Antunes Almeida
Gilberto Almeida Duarte
Samuel Narciso Espadinha
António Adélino

SUPLENTE A DIRECÇÃO

Manuel Luis Pereira Ribeiro

CONSELHO FISCAL

António Jesuino
José Maria Baptista Rocha
Carlos Moura e Silva

SUPLENTE AO CONSELHO FISCAL

Joaquim Ribeiro Pereira

APELO Todos os trabalhadores da Indústria Hoteleira devem participar na vida do seu Sindicato, indo votar na próxima quarta-feira, dia 10 de Novembro de 1976, para a Eleição dos Corpos Gerentes nas Segundas **ELEIÇÕES LIVRES E DEMOCRÁTICAS NA EXISTÊNCIA DO NOSSO ORGANISMO DE CLASSE.**

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL,

a) ALBERTO PEDRO DA COSTA

Estrangeiro

ATLÂNTICO SUL

Bloco militar é facto quase consumado

ANTONIO GODOY

Se os Estados Unidos e os seus sócios do «Mundo Livre» conseguissem apagar dois anos da História, sem dúvida estes seriam os de 1975 e 1976. Se é certo que nos últimos anos sofreram tensões internacionais, crises político-económicas, terramotos e outras dificuldades, é igualmente verdadeiro que foram obrigados a carpir outras «tragédias», bem maiores, no mesmo espaço de tempo.

Em primeiro lugar a estrepitosa e completa derrota política e militar no Vietname, frente a um povo pouco numeroso, pobre, subalimentado e mal armado, mas unido, moralmente superior e dirigido por líderes que gozavam do apoio no campo socialista e de simpatia entre todos os progressistas do Mundo. Ainda não estavam reitados da surpresa quando, no ano seguinte, depois de um curto e fulminante avanço na guerra de libertação, os revolucionários de Angola, com o socorro da União Soviética e, sobretudo, de Cuba, derrotaram as forças sustentadas pelos «sócios», transformando, com dificuldades mas com determinação, uma colónia num país socialista, tal como a Frelimo já havia feito em Moçambique e o P.A.I.G.C. na Guiné.

Ao mesmo tempo, nessa altura já está iminente e irreversível a libertação da Rodésia, no momento em que na África do Sul começa a ser criada uma situação revolucionária.

É com este pano de fundo que claramente surge a certeza de que os Estados Unidos concentrarão todo o seu poderio e estúcia para preservar o «quintal» latino-americano. Escusado será dizer que, além do seu apoio político e financeiro a regimes pró-imperialistas e sanguinários como os do Chile, Argentina, Brasil, Uruguai, Paraguai e Bolívia, incrementarão a presença militar na América do Sul e tratarão imediatamente de criar e aperfeiçoar um sistema repressivo à escala continental.

A SANTA ALIANÇA DO ATLÂNTICO SUL

Já é quase um facto a formação do bloco militar inter-americano dirigido pelos Estados Unidos, com a possível participação da África do Sul, para a «defesa» da zona meridional do oceano Atlântico, em moldes idênticos à N. A. T. O. no Atlântico Norte.

A prova evidente da existência de negociações a este respeito foi a presença simultânea, em Abril deste ano, em Buenos Aires, do ministro da Marinha do Brasil, almirante Henning, e dos almirantes Elies e Sagerholm, chefes da Força Naval norte-americana para o Atlântico Sul. Ai mantiveram reuniões com militares, incluindo Jorge Rafael Videla, general presidente da Argentina que tomou o poder pela força no passado dia 24 de Março.

Pelo seu lado os militares argentinos e «experts» em estratégia com os generais Guglielmelli e Marini, com algumas poucas excepções, manifestaram pontos de vista coincidentes com os dos Estados Unidos em relação à necessidade de criar tal organismo, para evitar que o avanço revolucionário na África Austral e a eventual entrada da frota so-

viética neste sector do Atlântico ponha em risco a estabilidade «ocidental e cristã» da região. Na oportunidade disse o general argentino Marini: «A presença de um perigo maior — o comunismo — acabará por unir todos os países limítrofes e ocidentais, artificialmente separados por questões de fronteira ou por particularidades sem importância. Estamos em presença de um fenómeno que ameaça todo o Ocidente e, enquanto não encarmos o problema com uma concepção universal, todos os demais acabarão por ser resolvidos contra nós».

Há alguns dias terminou a «Operação Unitas», quando navios de guerra brasileiros, uruguaios, argentinos e norte-americanos realizaram na costa Sul da Argentina manobras, ataques simulados e treinos de desembarque, prevendo «invasões estrangeiras».

Os militares pró-imperialistas e os seus patrões norte-americanos apresentam a questão do bloco militar do Atlântico Sul como uma necessidade nascida da «ameaça vermelha» implicada na libertação da África Austral. Se analisarmos brevemente a utilidade de tal projecto e, sobretudo, as circunstâncias em que se apresenta, teremos um panorama muito nítido sobre o verdadeiro objectivo que deve ser alcançado.

1 — A «ameaça» apresentada pelos norte-americanos é a presença da U.R.S.S. no Sul do oceano Atlântico. Indiscutivelmente o poderio técnico e militar desta última é muito grande e, em alguns aspectos, superior ao dos Estados Unidos. É sabido que as Forças Armadas soviéticas possuem mísseis atómicos com capacidade para atingir a América do Norte; além disso a U.R.S.S. possui poderosas unidades navais nucleares, armadas com foguetões de longo alcance e aviões ultra-modernos como o «Mig-25» que, como ficou comprovado no recente incidente no Japão, é superior a todos os aparelhos do género. Diante de todo este poderio qual a força que teriam os países latino-americanos, mesmo juntos?

2 — Com os reveses sofridos na Ásia e na África, os Estados Unidos encontram-se ante o esforço supremo de impedir o avanço revolucionário na América Latina. Já na conferência dos comandantes-em-chefe de exércitos celebrada em Montevideo, em 1975, o tema foi tratado e acordou-se um ponto fundamental: quando fosse atingido um certo grau de desenvolvimento entre as forças revolucionárias do cone Sul seria necessário opor-lhe uma força repressiva inter-americana, e se mesmo assim não fosse possível manietar os movimentos de libertação encerrar-se a hipótese de uma intervenção directa dos Estados Unidos.

Na posse destes dados torna-se fácil compreender que o verdadeiro objectivo do projecto não é defender a América Latina de uma suposta «ameaça vermelha» ou «dos russos», mas apenas tentar conservar os privilégios dos Estados Unidos e a sua exploração no continente. E para isso, nada mais útil e eficaz do que uma aliança militar, com os norte-americanos no comando.

(INTERPRESS)

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA CONVOCATÓRIA

AOS TRABALHADORES DO SECTOR DE CINEMA Convocam-se todos os Trabalhadores de Escritório do sector de cinema para um plenário a realizar no próximo dia 9-11-76 às 21 horas na Av. Duque de Loulé, 83-3.º com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS Ponto único — Análise e discussão da matéria de revisão do C. C. T. COLEGA PARTICIPA A TUA PRESENÇA É IMPORTANTE Lisboa, 5 de Novembro de 1976. PELA DIRECÇÃO (Assinatura ilegível)

NOVO! SENSACIONAL! ESTREIA dia 12 às 21.30 h Esp. PARA TODOS

COLISEU

2.ª OLIMPIADA DO CIRCO

O POLACO KASKLINA NO MASTRO DO DIABO!
O HUNGARO JAFARINO, ILUSIONISTA LADRAO...
O ITALIANO MONTI EM MOTO ROLANTE!
O ESPANHOL ALCARAS EM TAPETE VOADOR!
SALTES DE FRANÇA EM TRAPEZIOS VOLANTES...
OS CANDIDATOS AO ÓSCAR DE CIRCO 1976

Em ALVERCA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA FERREIRA Rua Manuel Maria Vieira, 7

Em ALVALADE-SADO o DIÁRIO DE LISBOA está à venda na PAPELARIA MARIA ADELAIDE

Estrangeiro

Jornalistas franceses
contra "jornal único"

PARIS, 8 (FP) — Robert Hersant, presidente-director-geral dos diários «Le Figaro» e «Paris-Normandie», anunciou sexta-feira a fusão, em Março próximo, destes dois jornais. Esta fusão, esclareceu Hersant, insere-se no quadro de outra concentração dos diários e possui na província, articulada à volta de «Le Figaro», que desmultiplicaria em quatro fórmulas distintas este jornal e suprimiria os títulos dos outros.

«Le Figaro» n.º 1 será o actual diário tradicional, reservado a Paris e arredores. «Le Figaro Province» ou «Figaro-Ile de France» reser-

vado à região de Ile de France compreenderá certo número de informações locais. «Le Figaro Province» ou n.º 3 resultará da fusão progressiva num só diário dos que existem actualmente no grupo Hersant, que tem uma tiragem global de 900.000 exemplares.

Finalmente, em 1977, o grupo publicará «Le Figaro International» que será um «Figaro» parisiense aliado das informações e da publicidade de interesse local e completado com páginas estrangeiras e culturais. Será impresso em Genebra.

Os sindicatos dos jornalistas já começaram a de-

nunciar esta decisão do grupo, que, acusam num comunicado, procura instaurar em França o regime do jornal único, ou quase único, em vastas áreas do território. «A confiscação da informação por um monopólio privado, beneficiando de apoios bancários ocultos e de complicitade política inconfessada, tende a pôr termo a qualquer pluralismo e a toda a diversificação das fontes de informação» acrescentam os jornalistas, que exprimem a intenção de

pedir intervenção na empresa para «restaurar as condições duma informação democrática».

ESPERANÇA DE PAZ

O presidente libanês apela
à cooperação com a Força Árabe

BEIRUTE, 8 (FP) — O presidente Elias Sarkis pediu no domingo à noite a todos os libaneses para que cooperassem com a Força Árabe de Dissuasão, cujo plano de acção está ainda a ser ultimado pelas partes em conflito no Líbano. Ainda se desconhece qual a data da entrada em acção desta força de 30 000 homens, enviada para o Líbano pelos chefes de Estado e soberanos árabes. A primeira mensagem à nação feita pelo presidente Elias Sarkis, eleito no passado mês de Setembro, foi marcada por uma acalmia nos combates sobretudo na região de Beirute. Os bombardeamentos dos bairros residenciais não foram, tão intensos na noite passada. Agora todos os esforços políticos estão virados para a entrada em acção no Líbano da Força Árabe, tendo o presidente Sarkis declarado que esta tinha por missão «pôr fim aos combates e zelar pela aplicação dos acordos», em especial, os que foram concluídos entre o Líbano e a resistência palestina.

O chefe de Estado libanês

sublinhou, tentando vencer as últimas reticências, que a Força Aérea será colocada debaixo do seu comando pessoal e que a sua manutenção ou a sua retirada do Líbano dependia da vontade do Governo. Acrescentou que a missão dos «capacetes verdes» era temporária e duraria até que o Exército e as forças paramilitares de segurança fossem reconstituídos. Pela primeira vez desde o começo da guerra, a mensagem do chefe de Estado deu lugar a um programa simultâneo, nas três principais estações de Rádio. Um outro facto simbólico foi o restabelecimento da maior parte das linhas telefónicas entre a parte ocidental e oriental de Beirute. As comunicações entre os dois sectores tinham sido interrompidas no começo do Verão passado.

jugoslavo dos Negócios Estrangeiros, Milos Minic.

Julga-se que o visitante tratou da possibilidade de a Jugoslávia servir de medianeira no estabelecimento de relações entre o Egipto e a União Soviética. cujo dirigente Leonid Brejnev vem em breve a Belgrado.

Entretanto, o primeiro-ministro egípcio Moadouh Salem deverá completar hoje as suas consultas para a formação de um novo gabinete — anuncia o jornal semi-oficial «Al Ahram».

Salem, cujo grupo centrista ganhou por uma maioria esmagadora as eleições gerais para a Assembleia Popular (Parlamento) realizadas a semana passada, deverá apresentar ainda esta noite ao presidente Anwar Sadat os nomes que formarão o seu novo Governo, acrescenta o jornal.

EGIPTO-U.R.S.S.

BELGRADO (ANOP) — O ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros e Vice-chefe do Governo, Ismail Fahmi, partiu de regresso ao Cairo, depois de uma visita de dois dias à Jugoslávia, como enviado especial do presidente Sadate.

Ismail Fahmi entregou uma mensagem pessoal de Sadate ao presidente Tito, por intermédio do vice-presidente Vidoje Zarkovic, mensagem relacionada com o problema do Médio Oriente.

Fahmi teve conversações com o primeiro-ministro Dzemal Bidejic e com o ministro

CONFERÊNCIA
DE GENEBRA

CAIRO, 8 (ANOP) — Os Estados Unidos e a União Soviética estão presentemente a efectuar contactos directos sobre as hipóteses de renovação da Conferência de Paz em Genebra sobre o Médio Oriente, revelou ontem Khaled Al Hassan, membro do Comité Executivo da Organização para a Libertação da Palestina à agência noticiosa do Médio Oriente, acrescentando que a O. L. P. aguarda que as duas nações cheguem a acordo, antes de se pronunciar.

Vaga de greves preocupa Israel

JERUSALÉM, 8 — (F.P.) — Foi ontem analisada, pelo Conselho de Ministros de Israel, a situação social no país, caracterizada desde há tempos por uma vaga de greves e de movimentos de reivindicação.

Estes últimos aumentaram ultimamente, devido ao aumento dos preços dos géneros essenciais, provocado pela supressão das subvenções do Governo.

Ontem, registou-se uma greve de 24 horas em que participaram 13.000 engenheiros, enquanto, na passada sexta-feira, 200 operários da maior fábrica israelita de conservas alimentares mantiveram em sequestro durante 27 horas dois dos principais dirigentes da empresa.

Esta última forma de protesto foi alvo de severas críticas nas edições de ontem dos jornais israelitas, que manifestaram a esperança de que não volte a ser utilizada no país.

SARTRE, DOUTOR
«HONORIS CAUSA»

PARIS, 8 (F.P.) — O filósofo francês Jean-Paul Sar-

tre recebeu ontem, na Embaixada de Israel em Paris, o diploma de «doutor honoris causa» de Filosofia da Universidade Hebraica de Jerusalém.

«O facto de aceitar este título, com o qual me sinto muito honrado, tem um significado político» — declarou, a propósito, o escritor, de 71 anos, que sempre recusou, até hoje, toda a espécie de galardões e distinções, inclusive o Prémio Nobel. «Aceito como sinal de amizade que sinto por Israel desde a sua fundação e do meu desejo de ver esse país prosperar em paz e segurança» — afirmou ainda Sartre, que prosseguiu: «Para mim, semelhante paz não pode existir senão quando os israelitas negociarem com os palestinos. Porque me preocupa igualmente com a sorte do povo palestino.

De facto, sinto-me tanto pró-palestino quanto sou pró-israelita.»

O diploma foi entregue a Sartre pelo presidente da Universidade Hebraica de Jerusa-

lém, Abraham, na presença do embaixador israelita em França, Mordekai Gazit, que saudou «o filósofo da Liberdade que sempre se empenhou e arriscou pela emancipação da humanidade».

7 DE NOVEMBRO

Mensagem calorosa
da China à U.R.S.S.

MOSCOVO, 8 — (FP e «DL») — O Governo da República Popular da China enviou uma calorosa mensagem ao Governo soviético por ocasião do aniversário da Revolução de Outubro, segundo anuncia a agência Tass.

No texto, que não foi difundido pela agência e não é publicado pela «Pravda» de hoje, pede-se que as «relações governamentais normais entre os dois países prossigam e se desenvolvam». A mensagem afirma que o «povo chinês envia as suas calorosas felicitações ao povo soviético irmão por ocasião do 59.º aniversário da Revolução Socialista de Outubro». «O povo chinês, lê-se ainda na mensagem, dá muita importância à amizade revolucionária, que o liga ao povo soviético».

Entretanto, as comemorações do aniversário da Grande Socialista de Outubro atin-

giram ontem de manhã o seu ponto culminante com as tradicionais manifestações de massas e a parada militar na Praça Vermelha, com a presença dos principais dirigentes do partido e do Estado.

A palavra de ordem central das comemorações foi «levar à prática as decisões do XXV Congresso».

Discursando depois da parada militar (este ano de menor duração que em anos anteriores), o ministro da Defesa, Dimitri Ustinov, salientou os progressos que o desanviamento tem vindo a suscitar no tocante às perspectivas de paz, não omitindo, porém, as dificuldades e a oposição criadas à paz pelos círculos imperialistas agressivos. Por isso — disse — «exige-se uma maior coesão e actividade das forças progressistas, por uma paz internacional sólida».

Navio à deriva no Atlântico
com "carga perigosa"

NOVA IORQUE, 8 (R.) — Um navio norte-americano, o «Seattle», de 11.499 toneladas, transportando «carga perigosa», acha-se hoje à deriva no Atlântico, após um incêndio na casa das máquinas o deixar sem energia. O barco encontra-se a cerca de 600 milhas ao sul de Halifax, na Nova Escócia, à espera de assistência de um rebocador oceânico, revelou um informador da guarda costeira.

Vinte dos 39 tripulantes embarcaram em baleeiras quando o fogo começou ontem, mas

voltaram a bordo, após o incêndio ser dominado com a ajuda de equipamento de um navio gémeo, que se mantém perto.

O informador disse que o barco transportava «carga perigosa» — uma categoria aplicada a qualquer coisa combustível — mas o fogo limitou-se à casa das máquinas. Acrescentou que o navio, que navegava, originalmente, para Bremerhaven, na República Federal Alemã, após ter largado de Nova Iorque, andava, lentamente, à deriva em mar calmo.

Internacional Socialista:
defesa em primeiro lugar

AMSTERDÃO, 8 — (ANOP e «DL») — Os elementos europeus da Internacional Socialista, que estiveram reunidos em Amsterdão, concordaram que deviam prestar mais atenção aos assuntos relativos à defesa, considerando que o continente está a precisar de um sistema de defesa próprio. Esses temores estão patentes nos comunicados finais, onde se justifica esta ideia com a certeza de que os Estados Unidos abandonariam a Europa, no caso

de um ataque dos países membros do Pacto de Varsóvia. Uma das teses apresentadas é precisamente esta e diz que, em tal situação, os Estados Unidos não interviriam para não ficarem expostos à possibilidade de terem um engenho nuclear a explodir em Nova Iorque ou em qualquer outra das suas principais cidades. Além disso, os alemães, principais defensores da NATO reconheceram que esta aliança estará desfeita dentro do prazo de oito anos.

A política de «autodefesa» proposta para a Europa na reunião da Internacional Socialista, na qual esteve representado o Partido Socialista Português, preconiza a nacionalização das indústrias de armamento e a estreita «colaboração» dos exércitos com os Parlamentos.

Willy Brandt, na sua alocução, disse que a nova política norte-americana, com a eleição de Jimmy Carter, permite prever o gradativo abandono da Europa pelos Estados Unidos e lembrou que «é importante que, depois de Carter ter tomado posse, os Estados Unidos e a União Soviética não deixem passar muito tempo para a conclusão de um acordo sobre a limitação de armas estratégicas».

WASHINGTON, 8 (ANOP, FP e «DL») — Numa entrevista publicada hoje pelo semanário «U. S. News and World Report», o presidente eleito dos Estados Unidos, Jimmy Carter, afirmou que a «primeira prioridade» em matéria de política externa será definir os objectivos a serem alcançados a longo prazo, em estreita colaboração com os dirigentes democráticos e republicanos do Congresso, os seus conselheiros especiais e especialistas em questões diplomáticas. Na mesma entrevista, Carter reafirma que, igualmente, conferirá «alta prioridade» às consultas com os aliados dos Estados Unidos «para que ambos os lados cheguem à melhor compreensão possível dos pontos de vista e preocupações respectivas».

O novo presidente america-

no indicou ainda que, nas negociações com a União Soviética insistiria na obtenção de algo em troca de cada concessão feita pelo Ocidente. Esta atitude pode ser encarada como um endurecimento nos contactos com os soviéticos e como uma crítica a Ford e Kissinger sobre o que eles alegadamente deixaram de conseguir enquanto negociaram com a União Soviética nos últimos quatro anos.

Entretanto, aos poucos toma vulto a possibilidade de James Schlesinger, antigo secretário da Defesa de Ford, vir a ser nomeado para o cargo de secretário de Estado em substituição a Henry Kissinger.

Esta hipótese está a ser muito bem vista pela NATO. Schlesinger é considerado como partidário da adopção de uma

política mais rígida nas negociações com a URSS para a limitação de armas nucleares. Recorde-se que, após as eleições, o primeiro nome a surgir para a substituição de Kissinger foi o do professor da Universidade de Columbia, Zbigniew Brzezinski, que mesmo antes das eleições era tido como o mais cotado para o cargo. E enquanto Gerald Ford e o seu vice, Nelson Rockefeller, junto com outros dirigentes prometeram cooperação total com Carter, o quase desempregado Kissinger afirmou que está à disposição do novo presidente «se ele quiser conversar».

Por outro lado, Carter indicou que pretende chamar republicanos a desempenhar lugares de responsabilidade na sua administração e consultar os

seus dirigentes no Congresso ou no mundo dos negócios. Espera, assim, obter o apoio dos seus opositores, para os objectivos e programas do Partido Democrático. Actualmente, os seus colaboradores mais diversos estão a preparar um quadro de crises potenciais, de forma a prever problemas que poderão surgir nos primeiros meses de Governo. O envio de uma proposta de orçamento ao Congresso está previsto para Março.

Contudo, o problema racial nos Estados Unidos não varia com os presidentes, nem deixa de ser menos intenso com o sorriso dos eleitos. Pelo segundo domingo consecutivo os diáconos da igreja a que Carter pertence, negaram ontem a um negro o acesso aos serviços religiosos.

Terroristas poderão
usar gás enervante

BOSTON, 8 — (FP e «DL») — Grupos terroristas poderiam estar prestes a utilizar ou vender gás enervante. Pelo menos são essas as indicações das polícias dos Estados Unidos e de alguns países europeus, divulgadas ontem no jornal «Boston Globe». Citando fontes diplomáticas, o «Boston Globe» conta que em rusgas policiais simultâneas realizadas em Viena e Berlim no passado dia 27 de Fevereiro foi apreendido mais de um litro de gás enervante, tóxico similar ao que foi elaborado pelos nazis durante a Segunda Guerra.

Televisão

Hoje



Abre-te Sésamo

I PROGRAMA

- 18.32 Janela Grande — Infantil.
19.00 Abre-te Sésamo — Infantil.
19.30 Lamiré — Actualidades da Música e do Bailado.
20.00 Teledesperto — O fim-de-semana desportivo, através do comentário e da imagem.
20.30 Telejornal — 1.ª edição.
21.05 O Sentido das Formas — Programa apresentado pelo dr. Ferreira de Almeida.
21.30 «A Menina Júlia» — Teatro — Uma peça da RTB (Radiotelevisão Belga) da autoria de August Strindberg e realizada por Paul Roland. Interpretes: Claire Wauthion, Paul Louka e Suzi Falk.
23.10 Telejornal — 2.ª edição.
23.25 Fecho.

II PROGRAMA

- 20.30 Telejornal.
21.00 TV JAZZ — Grito e sussurro; alternativa e estímulo; o Jazz é o grande tema deste programa quinzenal. Uma antevisão do VI Cascais Jazz (c/Monteiro Costa, Vilas-Bolas e Duarte Mendonça) e um inédito de Gyroscopio Gordon Beck (piano eléctrico); Frank Ricotti (vibrafone e percussão); Stan Sulzman (saxof. e flauta); Ron Mathewson (contrabaixo) e Tony Levin (bat.). Produção de Nuno Martins.
22.25 Documento — A Segunda Viagem: As sendas da liberdade — da série «Itinerários Históricos», de Philippe Dasnoy e Jean Antoine sobre as lutas de independência e formação dos Estados Unidos.
23.10 Fecho.

DESTAQUES

I PROGRAMA

Teatro «A Menina Júlia» (21.30)

II PROGRAMA

TV Jazz (21.00)

Canal da Crítica

SERMOS AMIGOS, SIM, MAS DE QUEM NOS QUER BEM

Por MARIO CASTRIM

Sete de Novembro. Dia da União Soviética. Transmitem-se trechos de uma entrevista concedida à ANOP, pelo embaixador daquele país em Portugal, Arnold Kalinine. Em fundo, um comentário que nos dá conta do trabalho criador processado a todos os níveis na U. R. S. S. O documentário passava das gigantescas obras industriais ao imenso progresso na agricultura. Ia um pouco mais longe, na sua simplicidade: mostrava-nos o desvelo pela criança e pela juventude podíamos ver, por exemplo, uma jovem dedicada à pintura, com a orientação de um velho mestre.

Por outro lado, as palavras de Arnold Kalinine apontavam para a preocupação de aumentar o bem-estar e a segurança social na União Soviética. Os salários aumentam, melhoram as condições de vida e a qualidade dos serviços.

A inflação e o desemprego, como se sabe, não existem na U. R. S. S. Eis aqui dois problemas sempre (mas sempre...) esquecidos quando os comentadores ocidentais se referem à União Soviética. Realmente, é melhor não falar dessas coisas, não vale a pena falar em coisas que, nos países capitalistas, são muito dolorosas...

O embaixador Kalinine cita (e poderia citar muitos outros) o caso dos transportes: os preços não sofrem alterações desde... 1935...

Podíamos ler no insuspeito «Monde» de 29 de Novembro de 1971: *Em que capital do mundo um viajante partiu com um bilhete de «Metro», à guisa de lembrança, e, regressando sete anos mais tarde, verificou que esse mesmo bilhete ainda era válido? Essa capital existe: é MOSCOVO.*

A título de curiosidade, diga-se que um bilhete de «Metro» custa quinze tostões. A respeito destes preços e de aumentos, o leitor pode tirar as suas conclusões...

UM EXEMPLO

Mas há ainda um exemplo ainda mais concludente no que respeita à ausência de inflação. Refiro-me ao aluguer das casas.

Nos primeiros anos da construção do socialismo, o Soviet Supremo estabeleceu por decreto que seria de 13,2 copeques o preço de aluguer por cada metro quadrado de superfície útil, considerando-se superfície útil a das casas ac-

soalhadas. Pois bem: esse é o preço que vigora em 1976...

O jornalista francês Gaston Lenfant, na reportagem da sua visita à cidade de Kolínine, fala-nos de uma família que mora há 10 anos no mesmo andar: marido, mulher e uma filha de 10 anos. Salário familiar: 330 rublos.

Vejam as despesas feitas com a casa, no mês de Novembro de 1973, em rublos:

Aluguer	4,04
Água, lixo, limpeza	1,02
Água quente	1,80
Gás	0,48
Aquecimento	2,45
Ligação para rádio	0,50
Telefone	2,00
Electricidade	4,20
Total	16,49

Verifique-se que este total, por arredondamento para mais, representa 5 por cento do salário familiar. E podem tomar mais as seguintes notas: pouco tempo depois dessa entrevista, o salário familiar aumentou em 40 por cento, sem correspondente aumento das despesas; que, para além dos 2 rublos mensais do telefone (60 escudos) nada mais se paga, qualquer que seja o número de chamadas; e que, pela televisão, não se paga qualquer taxa...

Muito mais se poderia dizer sobre a vida quotidiana dos soviéticos. Disso poderia encarregar-se a televisão portuguesa, se o seu objectivo fosse o de bem informar o povo português, no sentido de combater o anti-sovietismo que há dezenas de anos, com Salazar (e até antes de Salazar...) se estabeleceu no nosso país e continua a ser tão amorosamente cultivado. Mas a televisão portuguesa prefere dar cobertura à rede internacional anti-soviética, não perdendo pitada de qualquer ninharia transformada, em ACONTECIMENTO pelas agências ocidentais. Como foi, por exemplo, o caso do avião soviético que terá aterrado no Japão com o avião mais sofisticado do mundo...

Em primeiro lugar, o assunto está por esclarecer quanto à atitude do avião e aos bastidores da sua «recolha». Em segundo lugar, o MIG 25 não é o avião mais sofisticado do mundo, pois na União Soviética já existe o MIG 27...

MENTIR, MENTIR E DEPOIS SE VERÁ...

Mas admitamos que sim. Admitamos que um indivíduo se resolve a abandonar a sua Pátria. Que significado pode

ter isso num país com 260 milhões de habitantes? Não é claro como água que casos como este não servem senão como pretexto para as campanhas anti-soviéticas?

Convém saber que 72 emissoras do imperialismo bombardeiam a União Soviética durante as 24 horas do dia ao longo de todo o ano (e por acaso algumas dessas emissoras até estão instaladas em Portugal...) com a propaganda mais infernal. Dizem que nos países ocidentais se vive principescamente, que todos os operários têm automóvel, casa no campo e na praia, comida com fartura, casas luxuosas, que todas as mulheres usam jóias e se perfumam e Vestem do melhor...

Não dizem — é o dizem! — do desemprego, do abandono da velhice, das carências infernais do trabalho, das desumanas condições de vida. Escondem a realidade ao mesmo tempo que avançam com as mais aperfeiçoadas técnicas de manipulação da mentira. Quem vive nos países ocidentais sabe a verdade, basta olhar à nossa volta, não é verdade, leitor?

Só que a Imprensa, a Rádio, a Televisão empolam o facto de um, em 260 milhões, se ter deixado iludir; apregoam dos judeus que saem da União Soviética para Israel — mas silenciam quando, desiludidos e martirizados, esses mesmos tudo fazem para regressar à Pátria.

A Televisão portuguesa, nesse aspecto, tem feito muitos fretes ao imperialismo. Talvez se possa dizer que lhe está na massa do sangue...

ONDE ESTÃO?...

Sendo porém certo que, chegando-se ao 7 de Novembro, se resolve a abrir os cordões

à bolsa e dizer algumas verdades.

Suponho que muito por cortesia e pouco por amizade. E isso é que é lamentável. Não importa assinalar uma data, cumprir uma rotina, friamente. Importa ser amigo de quem nos quer bem. Uma verdade ninguém contesta: em muitos países for a democracia por «guesa caluniada»; em muitos países, naturais desses países e do nosso (aqui está uma vergonha a precisar urgentemente de um livro negro, oh, oh, bem negro, escrito com pena de «ro e tudo) movimentando-se de maneira a criar embaraços, incompreensões e prejuízos à nossa democracia. Em muitos países aconteceu isso — mas isso não aconteceu em nenhum país socialista.

Não importa que a televisão portuguesa fale da União Soviética a 7 de Novembro e depois lave daí as mãos.

Que relevo deu a Televisão portuguesa às delegações artísticas, sindicais e desportivas soviéticas que visitaram o nosso país?

Onde estão as entrevistas de portugueses (operários, jornalistas, artistas, cientistas, etc.) que visitaram a União Soviética?

Onde estão as notícias desenvolvidas do auxílio da União Soviética à Reforma Agrária?

Onde estão as reportagens da chegada dos barcos soviéticos?

Continua na pág. 18

TEATRO

ABC

Telef. 36 67 45

SÉRGIO AZEVEDO
apresenta
Todos os dias 2 sessões
Às 20.30 e 22.45
Domingos e feriados
«Matinées» às 16 horas

(4.ª f. desc. da comp.)

A GRANDE
E SENSACIONAL
REVISTA
DO MOMENTO I
EM 2.º MÊS ÉXITO I

«CADA COR
SEU PALADAR»

UM ELENCO ULTRA
POPULAR

com HERMÍNIA SILVA
NICOLAU BREYNER
RIBEIRINHO ★ VÍTOR
MENDES ★ LURDES
LIMA



LURDES LIMA
(na Elviroska)
BALLET STAR DANCER'S
N/acons. a m. 18 anos

Amanhã

I PROGRAMA

18.30: Bonecos — infantil; 19.00: Peça a palavra; 19.30: O inglês a sorrir; 20.00: Fila-Quinzenário teatral; 20.30: Telejornal — 1.ª edição; 21.05: O Momento Político — Programa da Secretaria de Estado da Comunicação Social; 21.15: O Detective Aristocrata; 22.15: Um programa da Direcção de Informação; 23.15: Telejornal — 2.ª edição; 23.30: Fecho.

II PROGRAMA

20.30: Telejornal; 21.00: documentário; 22.00: Lembranças de Greene. Série baseada em histórias do escritor Graham Greene «Pobre Maling». Realização de Graham Evans com interpretações de John Bird, James Bru e John Boxer; 23.00: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ
E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO
PERMANENTE

Telefs. 722786-834271

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

ALBERTO

grupo 4

O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO



De 3.ª a 6.ª feira às 21.15
Sábado, também às 15.30
DOMINGO SÓ às 16 h

ÚLTIMAS



Hoje, às 20.30 e 22.30 h.
Domingos e feriados
«Matinées» às 16 h.
Quarta-feira: Descanso
da Companhia

5.º MÊS! ÚLTIMAS!

Em ARMAÇÃO DE PÉRA o
DIÁRIO DE LISBOA vende-se
na TABACARIA LAMI

teatro do bairro alto

R. Tenente Raúl Cascais
1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15. 66 92 05



Tambores na Noite

de Bertolt Brecht

2.º MÊS
Todas as noites
às 21.30 horas
Domingos às 18 horas
Descanso à 2.ª feira

ATENÇÃO
Nos dias 11, 12, 13 e
14 não se realiza espectáculo de «Tambores
na Noite» devido à
estreia no Instituto Alemão de ALTA AUSTRIA de Franz Xaver
Kroetz. A partir do dia
16, re começa a carreira normal de «Tambores
na Noite».

Desporto

Benfica:

Da devoção à obrigação

Duas bolas a esbarrarem na trave, um golo salvo in-extremis (colocação de Alinho, sob a linha de baliza), uma falta de Bento (bola atirada contra a face de um contrário, em jeito de «murrinho») e duas boas estiradas do guarda da casa: tudo para poupar o zero e evitar o pior. Ao lado disto, uma inofensiva grande penalidade (falta de Montóia sobre Nelinho, escusada mas autêntica), outra que Francisco Lobo não teve vontade de marcar (prisão de um pé de Chalana, pelo desfecho de Fonseca, a cinco metros do traço fatal) e golo de bola corrida, num lance bonito que o toque de Nenê tornou certo: aqui está como ficou na história a verdade do duelo na Luz.

O Varzim apareceu em Lisboa com as credenciais à vista. Movendo-se entre duas alternativas (a passo, quando o esférico fica ao alcance do «vestuário» Manafá; velozmente, quando é atirado para a alça de Ibraim ou Jarbas) conseguiu impôr o ritmo ao espectáculo, criando largos hiatos na progressão benfiquista que, no cómputo geral, viveu de Credo e boca ante a perspectiva de um contra-ataque fatídico. Mas, seria injusta divina criar mais cabelos brancos em cabeças rubras: em face do maior peso das flechadas ver-



Nenê: O tento n.º 2

NEVES DE SOUSA

melhas, entende-se como correcta a face do marcador, ao recolher ao repouso que antecederá outra grande «batalha».

O «show» teve curiosas imagens: o período em que José Luís sustentou a batuta, a persistência em Mortimore acautelar a cobertura colocando Barros como «livre», o bom uso que varzinistas sabem dar à autorização para o toque de ombro, a dureza (improfunda e aborrecida) com que Albino entra a 90 por cento dos apelos à sua firmeza. E, já que estamos com a mão no assunto, a fogueira de inusitada com que se transforma, em «lobo» o bom do Artur que, fora das quatro linhas, é verdadeiro «cordeirinho».

No resto, belo de admirar o futebol escorrido do Varzim, de jogo atirado ao colega logo à primeira recepção, uma defesa intempestiva (e, em certa altura, pouco dada a carícias ou exames de consciência), uma média que é novela (Manafá), mas também carrega no pedal (João) e, para diante, o batidíssimo Marco Aurélio a sonhar o couro da vista de parceiros de emblema disparar e a colocá-lo, bem pontapeável, nas barbas de um Ibraim (que quer mostrar que não desa-

prende) ou de um Jarbas (que deseja clarificar o nome na lista dos chutadores decisivos).

António Teixeira, sujeito controverso mas de trabalho à vista, esconde os seus sonhos no soberbo Fonseca e nas tais triangulações que enleiam e quebram os rins. Só que, face a um Benfica sedento de aplausos (de pontos, de contos...) teve a sorte de costas para o seu patrão: e, como toda a defensiva «águia» esteve impecável (até Romeu foi lá à frente, dar o lamiré de rima antiga), nada mais lhe restou que atrofiar o desfecho, estendendo a corda até ao impossível. Montóia e Nenê estiveram (nisso) «aliados» para o colapso.

Convém salientar que ninguém, em todo o estádio, inquiriu das razões da ausência do «melhor jogador do futebol português»: no carregado do qatilhão esteve (muito bem) Nenê no transporte e na luta José Luís, Chalana e Nelinho equiparam-se a Toni, e não desgastaram as laterais da Póvoa houve-se bem o antigo vizinho Moimhos. Daí que se entenda, como inapetível e dogmática, o «placard»: que só ficou no 2-0 porque Lobo (cuja honestidade ninguém ousará contestar) anda a esquecer-se do livrinho das regras (foras de jogo, cargas legais, grandes penalidades...) e mal pode apoiar-se na bandeirinha de um dos colegas porque, adipo como este surgiu («trabalhou» do lado das cabinas) mal podia levantar o braço ao vento.

Um jogo que pouco arrebatou 30 mil: salvo até ao golo 2, em que o problemazito ficou esclarecido. Ouve tempo para tudo: até para bocejar e esperar o sinal de luzes, a baixar o pano sobre um compromisso que tinha verso e reverso. A obrigação de um bloco vencer, a certeza de que seria difícil respirar aliviado.

Já agora, uma pergunta a Francisco Lobo: em que cláusula legal se estribou para autorizar, no banco dos «responsáveis» benfiquistas, um sujeito alheio ao jogo? Que nos conste, o intérprete de Mortimore ainda não foi promovido a secretário-técnico...



Keita: o remate decisivo

Sporting:

Propaganda à coramina

Está provado que a sorte nada quer com os pobres de Cristo. Melhor: que quem nasce fora de berço de veludo, terá de labutar toda a santa vidinha para impedir que recolha à terra embruhado em serapilheira. Na Tapadinha, ante um Sporting calmo e sereno (como o Povo), os pobretanos do Atlético tudo tentaram para arredar o cutelo que viveu uma semana pendurado sobre as cabeças: a festa parecia capaz de proporcionar foguetes, de Alcântara a Santo Amaro (e não só...) quando esse pirata do Keita, sabidão traquejado por centenas de horas iguais, se lembrou de espreitar o único deslize de Azevedo e, pezinho de reaa em riste, vergar uma defensiva que pela primeira vez se sentiu incapaz de saltar os butes do chão.

Faltavam dois minutos para o banho: durante quase hora e meia, Conhé não fizera qualquer defesa, assistira (de longe e sempre bem resguardado por três ou quatro camaradas) a um trovejar verde que só não surtia efeito porque todas as bolas que passam por Fraguito caíam num charco, porque Valter esgotou o fôlego em menos de um assobio, porque os dribles de Manoel não eram para aquela carga de água, porque havia arame farpado em torno

de Keita, porque Manuel Fernandes circulava a passo de ganso, porque apenas Baltasar era força e coragem e impulso e ganância, numa emenda exaustiva à mediocridade de meio «team» do «leão».

Valeu, em muitos instantes calamitosos, os primores de um quarteto que não deixava o Atlético colocar pé em ramo verde: e que bem estiveram Inácio, Laranjeira, Mendes, o próprio Da Costa que, ante a taca-Wilson, nem uma só vez se lembrou de galopar até à floresta contrária, certo como estava que seria irremediável a progressão do outro Baltasar, daquele que morava do lado de lá a lembrar coisas do passado.

E, realmente, altura de aplaudir, a mãos ambas, esse mocinho que pai Wilson lançou nos futebolistas activos: se alguém merecia ser catalogado de «esperança nacional», o jovem volante da Tapadinha mora, sem discussão na mais alta ameaça do castelo. Faz pena, com efeito, que a lista dos convocados para os grupos cá da área (elaborados a bel-prazer de uma outra Comissão Técnica) seja omissa quanto a Mário Wilson, quem sabe se por via indirecta: se não foste tu, foio teu papa...

Adiante: ouve muito «sus-pense» na Tapada da Ajuda:

e comportamento quase a roçar o brilhante de Azevedo, Wilson, do sportinguista Baltasar, do próprio juiz do embate (Raul Nazaré) que maneja o código sem espaventos mas com todo o domínio. O espectáculo serviu para os «leões» continuarem a amarrar para a meta: só resultando em pesar alcantarense porque seria impossível dividir os pontos em equação, depois daquele fulminar de Keita que fez ruir meia bancada.

É a altura de mencionar como está depauperado o meio-campo verde: falta de Camilo ou fruto do já longo colapso de Fraguito, o insubstituível? E será momento, por igual, que a reflectir como tem sido proveitosa a renda usufruída por Keita: ressaltando a passividade no Montijo, o homem do Mali tem rubricado, em todas as emergências, o golpe de misericórdia, o erguer de alça que derruba especulações contrárias. Com este negro luzidio e fino, pela beira da proa, o melhor é mudar de rumo à nave.

É isso: Sporting de Keita é marca de ouro. Resta saber até onde o Mali terá figura de proa nestas andanças do indígena chuto na bolinha.

NEVES DE SOUSA

MONTIJO, 0-ESTORIL, 0

Cada um com seu prémio

JOÃO FERREIRA

A chuva torrencial que caiu, a partir dos últimos minutos do espectáculo, fez com que muito público se mantivesse abrigado nas bancadas centrais, entretendo-se a comentar o jogo a que assistia. Os adeptos do clube local lamentavam «o ponto perdido» num jogo «de ganhar» e sublinhavam a «injustiça do resultado».

Na verdade, a equipa da casa deteve, durante mais de uma hora, o comando do jogo: dominou e atacou mais, desenhando jogadas de belo recorte, teve períodos em que evidenciou técnica apurada: mas os seus avançados nunca tiveram talento (nem capacidade) para vencer a bem organizada defensiva estorilista.

De facto, na grande área do Estoril «mandavam» os seus defesas: marcando bem e ganhando a grande maioria dos lances aos adversários mais próximos, despachando a bola

em pontapés longos (lá para longe) sem rigor de colocação. E, às vezes, Clésio, Cepeda (ou Móia) conseguiam lançar contra ataques: quase sempre frágeis, diga-se de passagem.

Se os montijenses teimavam entrar com a bola rasteira na grande área adversária eram invariavelmente desfeiteados; se procuravam os cruzamentos por alto, para a cabeça de Bolota ou a de Gijo, estava lá José Torres a desfazer de cabeça (claro!) todas as tentativas contrárias. Restava uma alternativa: o remate de longe. Isso aconteceu algumas vezes: mas só um obrigou o guarda do Estoril a algum esforço.

O Montijo foi, realmente, a equipa que produziu melhor futebol e foi mais atrevida, chegando a meter os defesas laterais no ataque, mas não esqueceu que, em todo o jogo, Rui Paulino fez apenas

duas ou três defesas dignas desse nome, o que demonstra a inoperância (e diga-se também alguma infelicidade) do ataque montijense e o labor positivo da defesa estorilista.

O sistema tático do Estoril permitiu o domínio dos locais: ao colocar Torres e Oscar perto dos defesas, facilitou ao Montijo dispor do meio campo, onde Loureiro e Arnaldo (ambos em bom plano) se fartavam de construir jogo e de o dar aos companheiros da frente. Torres, foi mais 5.º defesa do que homem da linha média e, que nos lembre, só viajou até ao meio campo contrário quando da marcação de «cantos» (e foram muito poucos) contra Montijo. O Estoril não quiz disputar a posse da zona média do terreno. Aceita-se a

estratégia tanto mais que ela foi estudada para campo de reduzidas dimensões. António Medeiros preferiu reforçar a defesa, para tentar ao menos a conquista de um ponto: e serviu-se dos mesmos jogadores para lançamentos longos da bola até aos mais adiantados.

O técnico estorilista conseguiu o empate que (antes do jogo) considerava um bom resultado para ambas as equipas segundo declarou.

O zero a zero castiga Bolota e seus pares e premia João Carlos e Companhia.

Armando Parati ouviu muitos assobios. Cometeu alguns erros (que teve o cuidado de repartir por ambas as equipas) mas tudo acabou em bem, graças à correcção evidenciada



José Carlos: corte nas calmas

Desporto

LÁ FORA

DINHEIROS

A cerca de 640 milhões de pesetas ascenderá o orçamento da Federação Espanhola de Futebol para o ano de 1977 — informou o presidente deste organismo, Pablo Porta. Desta verba (que é composta por recursos próprios e uma dotação da Delegação Nacional de Desportos) uns 350 milhões de pesetas serão aplicados na construção e remodelação de estádios e na potencialidade do futebol juvenil.

DRÁSTICO

O comité da organização da «Taça Davis», decidiu excluir a URSS da competição de 1977. O Comité adoptou esta medida por considerar que, por razões políticas os soviéticos negaram-se a jogar com os chilenos nas meias-finais da «Taça Davis» de 1976.

XADREZ

Os «observadores» portugueses (2-2) com o Bangladesh, na contra-olimpíada de xadrez, em Tripoli.

TOTOBOLA
Jogue connosco

Benfica - Varzim	1
Guimarães - Belenenses	X
Portimonense - Boavista	2
Leixões - Setúbal	X
Beira-Mar - Académico	2
Montijo - Estoril	X
Porto - Braga	1
Atlético - Sporting	2
Penafiel - Lourosa	1
Famalicão - Salgueiros	1
Peniche - Feirense	1
Sintrense - Alcochete	1
Juventude - CUF	1

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES
E COMUNICAÇÕES

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil

AEROPORTO DE LISBOA

AVISO

CONCURSO PÚBLICO PARA A EMPREITADA «FORNECIMENTO E MONTAGEM DE UMA INSTALAÇÃO DE TRATAMENTO D EJECTOS RETIRADOS DE AVIÕES NO AEROPORTO DE LISBOA»

1. Faz-se público que, pelas 15 horas do dia 7 de Dezembro de 1976, no Aeroporto de Lisboa e perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público acima referido.

2. Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar o depósito provisório de Esc. 29.185\$00 (vinte e nove mil cento e oitenta e cinco escudos), na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, ou suas filiais, à ordem do Conselho Administrativo do Aeroporto de Lisboa, até às 15 horas, da véspera do concurso mediante guia passada pela Secretaria do Aeroporto de Lisboa.

Regime da empreitada — regime de preço global. Alvará — VI Categoria ou 8.ª Subcategoria da VI Categoria e classe correspondente ao valor da proposta.

Os respectivos Programas de Concurso e Caderno de encargos poderão ser consultados na Secção de Expediente da Secretaria do Aeroporto de Lisboa, ou na 4.ª Repartição da D.S.O., no Arruamento B, edifício 4 no Aeroporto de Lisboa, dentro das horas de expediente.

Aeroporto de Lisboa, 4 de Novembro de 1976

O CONSELHO ADMINISTRATIVO

PORTUGAL

ATLETISMO

O prof. Afonso de Carvalho é o novo coordenador-geral do Atletismo benfiquista, tendo também a seu cargo específico o grupo feminino de praticantes da modalidade. Mais atribuições no departamento do clube da Luz: Joaquim Serra será o responsável pelos saltadores com vara, Carlos Eufrazio e Mário Silva ficam com os lançadores, José Araújo e Francisco de Assis encarregam-se dos fundistas ao mesmo tempo que Abreu Matos será o técnico de velocidade, saltos e corridas com barreiras.

BASQUETEBOL

Para acerto do calendário referente ao torneio lisboeta de basquetebol, o Sporting venceu o Atlético (95-51).

HÓQUEI
EM CAMPO

Jogos de hóquei em campo, para a Taça «Oliveira Pinto»: Belenenses-Futebol Benfica-A, 0-3; Cel-Cat-ISEF, 2-0; Hóquei-A-Atlético, 1-3; Futebol Benfica-B-Alcochetense, 12-0; Cascais-Benfica, 0-2; e Palmense-Hóquei-B, V-F.

LUTA

Inédito: lutadoras femininas actuaram no pavilhão do Estádio Universitário. A representação da União Popular Venda Nova venceu o confronto com a equipa do Grupo de Instrução Popular da Amoreira (4-3). Na prova «Dentinhos de

ANDEBOL

Duas duplas no topo

Sporting e Belenenses continuam no comando da zona sulista do campeonato nacional de andebol de sete. No sábado, os «leões» saltaram sobre o CDUL (29-14) enquanto os «azuis» se superiorizavam ao Almada (29-18).

Resultados do torneio no Sul, para além destes dois duelos: Encarnação, 18-Setúbal, 17; Castelo Branco, 16-Passos Manuel, 15; Benfica, 33-CACO, 16; Técnico, 15-Boa Hora, 14.

Classificação no Sul: 1.º, Belenenses e Sporting, 18 pontos; 2.º, Encarnação, 14; 3.º, Passos Manuel, Almada, Vitória de Setúbal, Benfica e Castelo Branco, 12; 8.º, Benfica, 11; 9.º, Técnico, 10; 10.º, Campo de Ourique, 9; 11.º, CDUL, 8; 12.º, Boa Hora, 6.

Desfechos na zona Norte: Desportivo de Portugal, 10-Vilanova, 19; Bairro Latino, 15-S. Bernardo, 18; Beira-Mar, 24-Braga, 15; Francisco Holanda, 18-F. C. Porto, 19; S. Mamede, 16-F. C. Maia, 13 e Aca-

leite», os triunfadores foram: 27 km — Delfim Lopes (Clube Grilo-Matosinhos); 30 kg — Nuno Neves (U.P. Venda Nova); 33 kg — Paulo Sousa (Queluz); 36 kg — José Barbosa (Tuna-V.N. Gaia); 40 kg — José Loureiro (Algés); 44 kg — Eduardo Vasconcelos (Queluz); 48 kg — José Martins (Corna); 52 kg — Luís Quina (Queluz) e 60 kg — José Jacinto (Queluz).

RÂGUEBI

Principiou a disputa dos nacionais de rãguebi, com os seguintes «placards»: I DIVISÃO — Estrela da Amadora-Aranhas, 0-6; CDUL-Belenenses, 13-6; Direito-Benfica, 9-18; Académica Coimbra-Técnico 11-3. II DIVISÃO — Técnico-B-Direito-B, 16-3; Cangurus-Belenenses-B, 9-6; CDUL-B-Monte Caparica, 52-0; CR Amadora-Santa Luzia, 0-26; JUNIORES-Agronomia-CDUL-FC; CDUL-Belenenses, 9-10; Direito-Benfica, 0-20; S. Miguel-Técnico, 0-18.

Raguebistas portugueses vão estar presentes, através de uma turma de juniores, no «Torneio da Fira», a efectuar

Empate no Montijo

Continuação da pág. 16
da pelos jogadores e ao desportivismo da assistência que acabou por reconhecer não ser o árbitro culpado do nulo. Nota final: o Montijo jogou de verde porque o equipamento normal se confunde com o do Estoril.

NOMES

MONTIJO: Abrantes, Rodri-

gues Dias, Carlos Pereira, deias e Cefestino; Loureiro e Arnaldo; Fonseca, Gijo, Gilberto (José Carlos depois Chelinho e Bolota).

ESTORIL: Rui Paulino; Fernando, João Carlos, Amílcar e Carlos Pereira; Óscar, Torres e Clésio; Eurico (Quim) Mória e Cepeda (Manuel Fernandes)

Árbitro: Armando Parati (Porto).



Na Luz: austríacos batidos

VOLEI INTERNACIONAL

Leixões derrubado
Benfica esperançado

Pavilhão do Infante de Sagres. Cerca de 4 mil pessoas e uma receita da ordem da centena de contos. Muito bom, em voleibol, para o jogo da 1.ª «mão» da eliminatória inicial da «Taça dos Campeões Europeus», entre o Leixões e o Leipzig. Posto perante uma equipa excelente, não era de esperar logicamente que o campeão português oferecesse melhor resistência.

Não sendo uma equipa de muito superior estatura, o Leipzig compensa essa relativa insuficiência com um poder de elevação simplesmente notável. Junto à rede, todos os jogadores «puxam» de uma forma absolutamente indefensável, quando não há um bloco defensivo eficiente formado para impedir o êxito dos seus «tiros». Um regalo, esta equipa alemã do Leste. Uma organização defensiva que raramente foi batida pelos «puxanços» adversários. Todos os jogadores são de extraordinária categoria, mas o «esquerdino» Schumann (200 vezes «internacional») talvez mesmo por essa feição «esquerdina» obteve pontos em série com «puxanços».

Se, de resto, a equipa visitante deixou virtualidades e potencialidades por exibir, no embate com o Leixões, mostrou à evidência todos os enormes recursos dos seus jogadores, numa partida-exibição após o encontro com o Leixões e que o público aplaudiu calorosamente. Algumas jogadas levantaram a assistência.

A equipa visitante apresentou-se com onze jogadores que, na totalidade, somam 1.084 internacionalizações. E não será preciso acrescentar mais nada para aferir do seu traquejo internacional...

Resultados parciais: 4-15, 6-15 e 8-15. Final: Leixões, 0 - Leipzig, 3.

Arbitragem: José Bastos e Jorge Marques. Leixões: António Rijo, Ilídio Ramos, Humberto Silva, Carlos Fernandes, Joaquim Pacheco, Arnaldo Silva, Anibal Festas, Fernando Costa, Alfredo Santos, Manuel Dinis, José Seco e Paulo Ferreira. Leipzig: Scheider (11), Weiss (115), Reinold (26), Schumann (200), Weise (180), Low (102), Maun (130), Zimmernan (74), Zippler (66), Wippich (85) e Hagen (95). Entre parêntesis o número de presenças na equipa nacional da Alemanha Democrática.

Ontem, à tarde, a equipa alemã exibiu-se a pedido no pavilhão do Sporting de Espinho. O recinto encontrava-se completamente cheio. Os alemães deliciaram a assistência com «volei» da melhor qualidade. Venceram por 15-2, 15-3 e 15-5.

Enquanto, no Norte, o Leixões era irremediavelmente batido pelo Leipzig, a turma do Benfica salvava a honra do convento voleibolístico português, derrubando o «seis» austríaco do Sokol, embora pela mínima diferença (3-2).

Com a maior sinceridade, agradeço ao público: foi quem conduziu os nossos jogadores para uma vitória muito agradável, que fica como justo corolário do nosso esforço.

Nuno de Barros, técnico da formação da Luz, estava entusiasmado, ainda que comedidamente expansivo. De facto, os seus pupilos, tendo de haver-se com uma equipa mais rodada (os portugueses cumpriram o 4.º encontro da temporada oficial) conseguiram um triunfo que fica como espelho do trabalho e vontade patentesados ao longo dos cinco «sets».

Arbitragem de Perez Rodriguez (Espanha) e Fernando Alves (Portugal).

Equivas: BENFICA: Vítor Caroco, Valério Capaz, Carlos Figueiredo, Pedro Barredo, Mankel Alfredo, Márión Matias, Francisco Joao, Nuno Barros, José Barros, Pedro Cardoso e Helder Antunes.

SOKOL: Roman Soukup, Karl Hanzl, Ernest Kirisits, Eduard Malish, Peter Kleunman, Robert Riehl, Minošlau Flisnik e Antou Valenta.

Resultado: 3-2 (15/10; 9/15; 17/15 11/15; 17/15). No termo dos «sets» uma vantagem de pontos para o Sokol (70-69).

Afigura-se que o Sokol poderá baquear frente ao Benfica no termo da eliminatória, pois (mesmo na Austria) não sugere dificuldades insuperáveis para a transposição.

Na Luz, ante uma arbitragem discreta e firme destacaram-se Francisco João, Manuel Alfredo e Pedro Barros (Benfica); Soukup, Malish, Kleinman e Kirisits (Sokol).

Novo! Novo!

LORAMEX RODIZIOS

Deslocam sem esforço logões, frigoríficos, máquinas de lavar, etc. para uma rápida e fácil limpeza de chão.

• Fabricado em aço especial anti-ferrugem.
• Facilmente ajustáveis de 40 a 60 cm.
• Altura só 4 cm.
• Suportam cargas até 272 Kgs.
• Equipados com travão especial.
• Em segundos e sem ferramenta aplique você mesmo.

par 295\$00

ALFREDO A. MOREIRA, LDA.
(A Casa dos Berbequins)

Venha já ou peça pelo correio a cobrança: sede R. Ferreira Borges, 16-18 - Lisboa - Tel. 662146-668956
Loja Hobby no Drugstore Apolo 70 | Loja Hobby no Drugstore Alvalade
Av. Julio Dinis, 10 - Tel. 774084 - Lisboa | Praça de Alvalade - Lisboa - Tel. 804913
Loja Hobby abertas todos os dias até à meia-noite

Queiram enviar-me pares de rodizios "LORAMEX" a 295\$00 o par, mais 20\$00 para portes.

Nome _____ Morada _____

Geral

Ameaçados de despejo um homem quase cego e quatro filhos menores

Um homem ameaçado de despejo total e que padece, ainda, de grave lesão raquidiana resultante de um acidente de viação, a mulher e quatro filhos menores, residentes na Rua Júlio Dantas, na Pantilheira (Cascais), correm o risco de ser despejados da casa onde moram se o proprietário da mesma não aceitar as razões humanas e jurídicas apresentadas pelo dr. Afonso Baptista de Carvalho ao juiz do Tribunal Judicial no sentido da ordem de despejo, marcada para hoje, ser cancelada.

No requerimento que apresentou aquele advogado chama a atenção, em particular, para o drama que representaria a concretização da decisão do tribunal, dadas as condições de saúde do inquilino, da depressão nervosa da esposa, e das condições em que ficariam os quatro filhos perante os rigores do tempo. Afonso Baptista de Carvalho apresenta também a «resposta» às razões do processo de despejo movido por Germano Rodrigues contra o seu inquilino, isto é, os 40 contos de rendas em atraso.

A lei, no entanto, prevê que nestes casos a dívida não seja paga em singelo mas em triplicado, sendo impossível para o inquilino poder neste momento dispor de tão avultada quantia, ou pedir mais 80 contos a quem já lhe emprestou 40. O juiz do Tribunal de Cascais aceitou o requerimento e prometeu àquele advogado enviar todos os seus esforços junto do proprietário para que receba os quarenta contos das rendas em atraso e retire a or-

dem de despejo, por forma a que o direito à habitação consignado na Constituição seja respeitado.

Canal da Crítica

Continuação da pág. 14

cos que vieram carregados de tractores, de máquinas, de sementes, etc., no valor de mais de 100 mil contos, para as cooperativas agrícolas?

Onde está a reportagem digna da festa dos camponeses de Montemor dedicada à solidariedade com o povo soviético?

Em resumo: onde está, na Televisão portuguesa, a atitude que define a União Soviética

como um país Amigo, com quem podemos contar em todas as circunstâncias? Onde está a colaboração estreita que poderia existir entre a Televisão soviética e a nossa, e que tão útil nos poderia ser? A resposta, eu sei, é o silêncio. Mas o silêncio também entra na contabilidade de uma televisão que dia a dia perde audiência popular. E que perde, portanto, a sua razão de ser.



BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons. 23/4 %	—	275\$	—
Cons. 3 %	—	300\$	—
Cons. 3 1/2 %	—	350\$	—
Centenários	—	800\$	—
Tes. 5 %	—	830\$	—
Tes. 10 %	—	500\$	505\$
Extern. 1.ª - S.	500\$	450\$	—
Extern. 1.ª - C.	450\$	450\$	—
Extern. 3.ª - S.	—	460\$	—
Extern. 3.ª - C.	500\$	490\$	500\$
Caut. 3.ª - S.	—	80\$	—
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Lx. 6 %	—	700\$	—
C.M.L. 5 3/4 %	—	770\$	—
C.P. 5 1/2 % 67	—	600\$	—
C.P. 5 1/2 % 68	—	600\$	—
C.P. 5 1/2 % 69	—	610\$	—
Corr. 5 3/4 %	—	780\$	—
Metr. 5 3/4 %	—	810\$	—
Tur. 5 3/4 %	—	850\$	—
C.P. 6 3/4 %	—	820\$	—
ELÉCTRICAS			
G. 5 % 58	—	660\$	680\$
G. 5 % 59	—	660\$	690\$
G. 5 % 62	—	—	—
G. 5 % 63	—	—	—
G. 5 % 64	—	—	—
G. 5 % 65	—	—	—
G. 6 % 67	—	730\$	—
G. 6 % 69	—	730\$	—
G. 7 %	—	—	—
H.E.A.A. 5 %	—	—	850\$
H.E.C. 5 %	—	620\$	590\$
H.E.C. 6 %	—	760\$	—
H.E.D. 5 %	—	590\$	—
H.E.D. 6 %	—	760\$	—
H.E.N.P. 5 %	—	700\$	—
H.E.S.E. 5 %	—	730\$	—
H.E.S.E. 6 %	—	730\$	—
H.E.Z. 5 % 57	—	600\$	—
H.E.Z. 6 %	—	750\$	—
N. Elec. 5 %	—	620\$	—
N. Elec. 6 %	—	700\$	—
Termoel. 5 %	—	585\$	—
U.E.P. 5 % 60	—	700\$	—
U.E.P. 5 % 63	—	780\$	—
U.E.P. 6 %	—	700\$	—
U.E.P. 7 %	—	720\$	—
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % 56	—	690\$	—
A.P.T. 5 % 58	—	670\$	—
Lisnave 6 %	—	750\$	—
Nitratos 60	—	610\$	—
Pet. 2.ª e 3.ª	—	850\$	—
Sacor 7 %	—	820\$	—
Sacor 5 %	—	750\$	—
Sacor 5 % 60	—	620\$	—
Sid. 5 % 2.ª	—	620\$	—
Sid. 5 % 3.ª	—	620\$	—
Sid. 5 % 4.ª	—	620\$	—
Socel 5 %	—	720\$	—
R. Fabril 67	—	710\$	—
R. Fabril 68	—	—	—
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5 %	—	—	500\$
Rev. 5 % 57	—	—	—
Rev. 5 % 59-60	—	—	—
Mocambique 5 %	—	—	—
Sonete 5 %	—	—	—
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	—	—	—
F.I.D.E.S.	—	—	—



tempo

Situação do tempo 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava em geral encoberto e chovia o vento era fraco predominando dos Quadrantes Sul.

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE

Máxima 17,3°

PENHAS DA SAÚDE

Mínima 0,0°

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado, vento fraco de sudoeste; períodos de chuva ou chuvisco; a partir da madrugada vento fraco ou moderado de noroeste em regime de aguaceiros

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO 10°
COIMBRA 12°
PORTALEGRE 10°
LISBOA 13°
FARO 15°
FUNCHAL 18°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

3.44 4,1 m 9.17 1,0 m

16.01 3,9 m 21.28 1,0 m

DIA 9

4.15 4,0 m 9.50 1,0 m

16.33 3,9 m 22.00 1,1 m

DIA 10

4.45 4,0 m 10.24 1,1 m

17.04 3,8 m 22.34 1,2 m



AMANHÃ

NAScer AS 7.12

OCASO AS 17.28



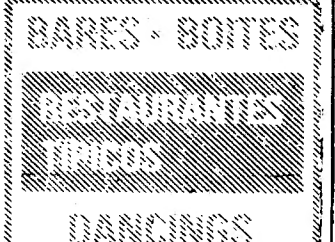
DIA 7 DIA 14 DIA 21 DIA 28

Serviços municipais para habitações sociais

Foram criados serviços municipais de habitação social, que terão autonomia administrativa e financeira, com a função principal de atribuir fogos e, complementarmente, de dar apoio e resposta aos municípios no que se refere às questões de inquilinato e habitação.

A criação destes serviços procura colmatar uma falha no processo de atribuição de fogos, e foi legalizada através de Decreto-Lei dos Ministérios da Administração Interna e da Habitação, Urbanismo e Construção, publicado no «D.R.», I Série, n.º 260.

O diploma em referência estabelece também princípios para o regime de atribuição de habitações sociais, entre as quais salientamos um artigo que define que a atribuição dos fogos cuja construção ou aquisição tenha sido promovida pelas instituições de previdência far-se-á independentemente de os concorrentes serem beneficiários ou sócios de tais instituições.



NINA — Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859/368197. Rosy Strip-teaseuse
CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 261461/164526/264586/264621/264646

palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11602

HORIZONTAIS:

- Espécie de choupo. Apá-nhar.
- Fardo de fazendas. Artigo definido. Género de faseoláceas do Brasil.
- Cidade do Chile. Acabamento.
- Grça. Espaço de doze meses.
- Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. Planta do pé.
- Coragem. Palavra gaelica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Antiga agência telegráfica de imprensa.
- Zomba. Falhas. Prata (s. q.).
- Artigo definido. Limpavas com vassoura.
- Ir para fora. Cidade da Alemanha.
- Completo. Cominatório.
- Sufixo que designa abundância. Carinhosa.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 11602

HORIZONTAIS:

- chefes. Estacar.
- Animal da classe dos acarídeos. Disparo.
- Ramificação (pop.). Briga.
- Negra. Ferros temperados.
- Macaco americano. Vantagem.
- Bromo (s. q.). Molusco comestível. Alteza Real.
- O mesmo que ion. Ecoo. Guarneça de asas.
- Nome de jogo. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas.
- Estimais. Peneira.
- Rasura. O mesmo.
- Sufixo que designa abundância. Rio de França.

VERTICAIS:

- Orlas. Freguesia do concelho de Ponte da Barca (Viana do Castelo).
- Patria. Quadrúpede ruminante. Preposição e artigo definido (pl.).
- Adlanar. Existência.
- Pisar. Vento frio, agreste.
- Cordão de requife ou de metal, para guarnecer e abotoar um vestuário. Apellido.
- Ra (pop.).
- Pisai. Rio de Itália.
- Fiança. Perceber.
- Fanático. Indolência.
- Artigo. Nome de mulher. Em as.
- Sai frequentemente à rua. Alisa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11601

HORIZONTAIS:

- Farripas. Mm.
- Anais. Colei.
- Zelas. Arosa.
- Mano. Io.
- Vira. O. Rirã.
- AAA. USO. Der.
- Afora.
- Espia. Eva.
- Talar. Miram.
- em. Laia.
- Salão. Calor.

VERTICAIS:

- FAZ. Valetes.
- Anemia. Sama.
- Ralara. Pi.
- Riana. Alara.
- Isso. Utar.
- Oso. O.
- Acal. Orem.
- Soror. Avila.
- Lo. Id. Aral.
- MESTRE. Aio.
- Mia. Arrumar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7661

HORIZONTAIS:

- Baçal. Paços.
- Aires. Noto.
- Arcam. Parem.
- Meara. Ela.
- Es. Arrás. Or.
- Troa. Este.
- Arabi. Alara.
- Re. Isara. Ar.
- MMCC. Raia.
- Ares. Passo.

VERTICAIS:

- Bramas. Arm.
- Aires. Trema.
- Caça. Grã. Cr.
- Asara. Obice.
- Marcais.
- Au.
- Pratear.
- Ana. Siara.
- Coré. Uta. As.
- Otelo. Fraís.
- Somara. Arão.

Provérbio: O USO FAZ O MESTRE.

Farmácias de Serviço

LISBOA

TURNO M-1
Toda a noite
ALVALADE
Alentejo, Avenida da Igreja, 28-B (Tel. 712682).

AMOREIRAS
D. João V, Rua D. João V, 16 (Tel. 682772).

ANJOS
Confiança, Avenida Almirante Reis, 46-B (Tel. 71653).

AREIRO
Algarve, Av. de Roma, 7-B (Tel. 801478); Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 12 (Tel. 727721).

AVENIDAS NOVAS
Cruz Novas, Praça Duque Saldanha, 14 (Tel. 41845).

BELEM
Remisio, Rua dos Jerónimos, 14-C (Tel. 631699).

BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (Tel. 702532).

CAMPOLIDE
Central de Campolide, Rua General Taborda, 17 (Tel. 680304).

OLIVAS SUL
Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela, lote 300 (Tel. 31109).

PENA
Americana, Calçada de Santana, 3 (Tel. 863984).

PICHELEIRA
Mariz, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703/728395).

S. BENTO
Confiança, Praça das Flores, 59 (Tel. 690401).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, R. Fialho de Almeida, 38-A Junto da Escola Técnica do Bairro Azul (Tel. 44000).

SETE RIOS
Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 160 (Tel. 761035).

TURNO M-2
ATÉ AS 22 HORAS

ALCANTARA
Correia de Azevedo, Rua Luís de Camões, 42B (Tel. 638625).

ALVALADE
Ave. de Roma, 56-E (Tel. 715370).

AREIRO
S. Jorge, Largo do Leão, 3-B (Tel. 534027).

BAIRRO ALTO
Azevedo, Irmão e Veiga, Rua da Misericórdia, 24 (Tel. 323540).

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (Tel. 311216).

BENFICA
Vlex, Estrada de Benfica, 373-B (Tel. 780548).

CAMPO DE OURIQUE
Lobal, Rua da Infância, 16, 98-B (Tel. 688807).

CAMPO PEQUENO
Campe Pequeno, Avenida Júlio Pinis, 10 (Tel. 771661).

CONDE EPONDO
David, R. Conde Redondo, 68 (Tel. 54342).

GRACA
Renascença, Rua Damasceno Monteiro, 104-4 (Tel. 831504).

LAPA
Paiva de Costa, Rua da Lapa, 105 (Tel. 664414).

LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 77 (Tel. 790480).

S. VICENTE
Rosa e Viegas, Rua de S. Vicente, 31 (Tel. 86435).

XABREGAS
Grifio, Rua do Grilo, 45 (Tel. 385204).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 2112081).

ALCABEDCHE
Carvalho, Até às 21 horas.

CARCAVELOS
Central, Até às 24 horas e das 0 às 9 horas.

PORTO SALVO
Porto Salvo, Até às 21 horas.

S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silva, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085) Até às 21 horas.

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039) Até às 24 e das 9 às 0 horas.

NOVA OLEIRAS
Leal, Até às 21 horas.

OEIRAS
Central, R. Conde Ferreira, 29 (Tel. 2430058) Até às 22 horas.

PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, 8, Caixa de Previdência (Tel. 2472948) Até às 24 e das 0 às 9 horas.

PAREDE
Junqueiro, Até às 21 horas.

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, R. 9 de Abril, 24 (Tel. 263052) Até às 24 e das 0 às 9 horas.

ESTORIL
Marques dos Santos, R. J. Ferreira, 15 (Tel. 260116) Até às 21 horas.

CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078) Até às 21 horas; Nova, Est. de Alvide, Fontainhas (Tel. 261044) Até às 24 e das 0 às 9 horas.

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Helénica, R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613) Toda a noite; S. Jorge, R. Pedro do Negro, 5 - Reboloira (Tel. 938703) Até às 22 horas; Camale, R. Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303) Até às 22 horas; Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518) Até às 22 horas.

DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121) Até às 21 horas.

QUELUZ
Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).

MEM MARTINS
Miranda Garcia, Est. de Mem Martins, 173-B (Tel. 2914103).

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, Tel. 980456).

SINTRA
Marráz, Vila (Tel. 2930155).

COLARES
Abreja, (Tel. 299088).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250).

ALMADA
Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Tel. 27504).

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fatima, Est. Nacional, 244-A (Tel. 2040141).

BARREIRO
Pizarra, Av. do Bocage, 65-A (Tel. 2074771).

COVA DA PIEDADE
Louro.

MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029).

MONTIJO
Diogo, R. Almirante Reis, 50 (Tel. 2310032).

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028).

SETUBAL
Soromenho, P. Machado Santos (Tel. 22691); Alice, P. do Quebedo (Tel. 23743).

SEXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

PORTO

ATÉ AS 22 HORAS
Foz, R. Senhora da Luz, 380; Foz Alirio de Barros, R. de Costa Cabral, 240; Magalhães, R. de Serralves, 566; Nova de Monsanto, R. de Monsanto, 148; Correia, P. Mousinho de Albuquerque, 78; Corujeira, R. S. Roque da Lameira, 1473; Couto, I. de S. Domingos, 106; Luso-Francisco, R. da Bandeira, 140.

TODA A NOITE
Lapa, R. Antero de Quental, 211; Gomes Carneiro, R. de Cedofeita, 348; Central, R. de Santo Antonio, 203.

COIMBRA
Miranda, Praça do Comércio (Tel. 23261).

Outros espetáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
«Vamos Trocar de Mulher»

ADOQUE
20.30, 22.45 (18 anos)
«A Grande Cegada»

ABC
20.30, 22.45 (18 anos)
«Cada Cor seu Paladar»

S. LUIS
21.30 (13 anos)
«Tudo no Jardim»

VARIEDADES
21.30 (13 anos)
«Isto é que me Dói»

LISBOA/Cinemas

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Loucuras Porno»

CALIBDOSCÓPIO
21.00 (18 anos)
«O Império dos Sentidos»

SATÉLITE
21.45 (13 anos)
«Matrimónio»

CINEARTE
21.15 (18 anos)
«O Vigilante»

CAPITOLIO
21.00 (18 anos)
«Wester porno»

MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«O Homem que queria ser Rei»

EUROPA
21.15 (10 anos)
«Tota! tota! tota!»

RETELO
21.00 (18 anos)
«Shampoo»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«John Sem Lei»

LUMIAR
21.15 (18 anos)
«Murro Assassino»

PARIS
21.15 (18 anos)
«Sexualmente Tua»

OLIMPIA
21.00 (18 anos)
«Relações Escaldantes»

PROMOTORA
19.00 (13 anos)
«O Relojeiro»

VOX

21.15 (18 anos)
«Os Teatros Eróticos de Paris»

PALÁCIO FOZ

21.00 (6 anos)
«A Quimera do Ouro»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00, 21.15 (18 anos)
«A Mulher, o Amor e o Ódio»

CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Desenhos Picantes»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Odeio o meu Corpo»

AMADORA
Lido
21.15 (6 anos)
«Kasabian»

AMADORA
Cinestudio
21.30 (6 anos)
«Meu Irresistível Selvagem»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (13 anos)
«O Leão e o Vento»

OUTRA BANDA

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (18 anos)
«Matam em Silêncio»

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«O Mocho e a Gatinha»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO
21.15 (6 anos)
«Chopin. Imortal»

ESTÚDIO 400
21.15 (13 anos)
«Luzes da Ribalta»

SALÃO BEBÉ
21.15 (18 anos)
«A Terra Prometida»

AGUIA DE OURO

21.15 (13 anos)
«Passado Inesquecível»

BATALHA
21.15 (13 anos)
«O Homem que Queria Ser Rei»

OLIMPIA
21.15 (18 anos)
«Prostituição Clandestina»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Exibição»

COLISEU
21.15 (14 anos)
«O Direito de Nascer»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«E Tudo o Vento Levou»

JÚLIO DINIS
17.45, 21.15 (18 anos)
«Conflitos conjugais»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O Amante»

RIVOLI
21.15 (13 anos)
«OURO»

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«Western Porno»

S. JOAO
21.15 (18 anos)
«O Império dos Sentidos»

TRINDADE
21.16 (13 anos)
«A Filha de Ryan»

VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«A Freira de Monza»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«A Esposa Virgem»

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Chove em Santiago»

S. TEOTÔNIO
21.15 (13 anos)
«Os Dez Mandamentos»

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Quadrilha Selvagem»

Cinemas

ALVALADE

T. 897 480 15.30, 18.30, 21.15

Luis de Funés em
AS FÉRIAS GRANDES
Um filme de Jean Giraut
6.ª Semana
Para todos

APOLO 70

T. 763319 14.16.30, 19 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos
Vittorio Gassman, Alessandro Momo, Agostina Belli
PERFUME DE MULHER
2.ª Semana
Um filme de Dino Risì
Hoje às 24.00 horas
Grupo D (M. 18 anos)

GRANDES BATALHAS EM CAMAS FOFAS

AVIS

T. 47163 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. men. 13 anos
25.ª Semana
BOBBY
A projecção do filme começa 5 minutos após os horários

BETIA

T. 776098 14.00, 17.30, 21.00

A mais espectacular obra que o cinema realizou
SPARTACUS
Um filme de Stanley Kubrick
Grupo B (10 anos)

CINEMA DO PORTUGAL

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

«O filme sensação» Festival de Cannes 1976
O IMPÉRIO DOS SENTIDOS
A obra-prima de Nagisa Oshima
interdito a menores de 18 anos
Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes

CASINO ESTORIL

T. 264996 17.00, 21.15

Não acons. a men. de 18 anos
A MULHER, O AMOR E O ÓDIO

CASTIL

T. 530194

As 15.00, 17.00, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
UM AMOR COMO O NOSSO
5.ª Semana. Um filme de Andrée Marchand
(Este filme pode ser considerado pornográfico)

COIDES

T. 322523

As 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
Num ambiente escaldante...
OURO
3.ª Semana
C/Roger More, Susannah York, Ray Milland

FOZ

Tel. 320768 14.45, 18.00, 21.15

Jamais o cinema indiano foi tão longe!
3.ª Semana
FOGO REAL
O filme empolgante de Ramesh Sippy
Não acons. men. de 18 anos

ESTÚDIO

T. 779095 14.15.00, 17.00, 19.00, 21.15

O filme sensação do Festival de Cannes 76
O IMPÉRIO DOS SENTIDOS
A obra-prima de Nagisa Oshima
interdito a menores de 18 anos

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 14.30, 16.45, 19.00, 21.15

interdito a menores de 18 anos
EXIBIÇÃO
3.ª semana
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

IMPÉRIO

Tel. 555134/5 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
A actriz mais sensual da actualidade LAURA ANTONELLI
MEU DEUS, AO QUE EU CHEQUEI!
Um mestre do cinema italiano LUIGI COMENCINI
3.ª semana

LONDRES

Tel. 801313 14.16.30, 19 e 21.30

Não acons. m. 13 anos
A FLAUTA MÁGICA
Atenção: o filme é exibido logo no início da sessão

MUNDIAL

Tel. 538743 15.15, 18.30, 21.15

Interdito a menores 18 anos
COMO, QUANDO E COM QUEM?
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

PALACIO FOZ

Ciclo cinematográfico Charles Chaplin 1.ª série
Filme: **A QUIMERA DO OURO**
Realizador: Charles Chaplin
Sessões: 15.00, 18.00, 21.00
Espectáculo para m/ 6 anos
Iniciação da Direcção Geral da Acção Cultural

4.ª Programa — Emissão Total em Estereofonia

19.00: «Em Órbita»; 20.00: Programa da Noite; 21.00: Sinal Horário; 22.00: «Auditório»; 24.00: «Prisma»; 02.00: Fecho.

3.ª Programa — Local (187.5 m)

18.00: Entardecer; 19.30: Romance duma cidade (repetição); 21.00: Fecho.

NINAS

Tel. 674313/674313

14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
CHOVE EM SANTIAGO
5.ª mês de lotações esgotadas
O Chile de Allende e Pinochet

ODEON

Tel. 326283 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. a menores 18 anos
em 24.ª semana de enches
O PECADO SERVE-SE QUENTE
com Senta Berger em toda a verdade de uma orgia escondida...

PATHE

Tel. 821933 15.00, 18.00, 21.15

Uma dimensão exacta de amor, com mistura de pecado e inocência!
AAINA
3.ª Semana
Um filme de K. Balachander
Não acons. a menores de 13 anos

POLITEAMA

Tel. 323805 14.15, 16.30, 19.00, 21.30

Interdito men. 18 anos
em 4.ª semana «xito total»
PROSTITUIÇÃO CLANDESTINA
(Cont. cenas eventualmente chocantes)

RETELO

Tel. 610376 As 21.00

Não acons. men. 18 anos
SHAMPOO
em 4.ª Semana

ROMA

Tel. 727778 15.30, 18.30 e 21.15

A RAPARIGA DA ORQUÍDEA
2.ª semana
um filme de Patrice Chereau
(Não acons. a men. de 18 anos)

ROXY

Tel. 48560 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Jerry Lewis em
JERRY, PRIMEIRO TURISTA NO ESPAÇO
Um filme de Norman Taurog
Para todos

S. JORGE

Tel. 554153 15.15, 18.15, 21.15

O mais espectacular filme do nosso tempo!
ROLLERBALL
De Norman Jewison com James Caan
3.ª Semana

TIVOLI

Tel. 570595 15.15, 18.30 e 21.15

Das profundezas do oceano surge o mais grandioso de todos os filmes!
20.000 LÉGUAS SUBMARINAS
um filme de Richard Fleischer
2.ª Semana
Não acons. a men. de 13 anos

UNIVERSAL

Tel. 774402

As 15.00 e 21.00 o primeiro filme de Glauber Rocha
BARRAVENTO
As 17.00, 23.00 (int. m/18 anos)
A FILHA DO GUARDA DA PASSAGEM DE NIVEL
As 19.00 um filme de Glauber Rocha
CANCER

D. JOÃO V

Tel. 971794 21.15

As 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
ONDE FICA A GUERRA?

